

Os alunos afro- descendentes no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo

DOCUMENTO
DE TRABALHO
05 / 05

Juliana Miranda Coelho

Universidade de São Paulo

NUPES

Núcleo de Pesquisas
sobre Ensino Superior

Universidade de São Paulo

Os alunos afro-descendentes no curso de Ciências Sociais
da Universidade de São Paulo

Juliana de Miranda Coelho

Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior
da Universidade de São Paulo

Os alunos afro-descendentes no curso de Ciências Sociais
da Universidade de São Paulo

Juliana de Miranda Coelho

Equipe do NUPES

Diretora Científica
Eunice R. Durham

Pesquisadores
Ana Lucia Lopes
Elisabeth Balbachevsky
Omar Ribeiro Thomaz

Auxiliares Técnicos
Regina dos Santos

Auxiliares Administrativos
Josino Ribeiro Neto
Vera Cecília da Silva

Os alunos afro-descendentes no curso de Ciências Sociais
da Universidade de São Paulo

Juliana de Miranda Coelho*

1- Apresentação

O presente projeto se integra numa pesquisa mais abrangente, que vem sendo desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisas Sobre Ensino Superior e que diz respeito à questão da desigualdade de acesso ao ensino superior que afeta os afro-brasileiros.

O projeto consiste na análise do processo de ingresso e trajetória escolar na, no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. De início, são analisados os percentuais de afro-brasileiros nas diferentes fases do exame vestibular: inscrição, aprovação na primeira fase e ingressantes. A segunda parte do projeto compreende entrevistas com estudantes negros do curso.

A intenção inicial do projeto era acompanhar os alunos ingressantes no curso de Ciências Sociais no ano de 2001. Porém, antes de iniciar a pesquisa de campo, me dei conta de que este número era muito pequeno. Resolvi então entrevistar 10 alunos negros que estivessem matriculados no curso de Ciências Sociais. As primeiras entrevistas foram feitas com colegas de classe, pois eu mesma ingressei na Faculdade de Ciências Sociais em 2001. Assim, dois dos entrevistados ingressaram também em 2001. Após essas duas entrevistas, entrei em contato com o Grupo Dez vezes Dez, coordenado pelo Professor Antonio Sergio Guimarães, que tem como objetivo formar pesquisadores negros especializados em temas étnico-raciais brasileiros. No grupo, encontrei mais dois alunos os quais entrevistei: um ingressante em 2000 e o outro em 1998, este último, já esta cursando pós-graduação (mestrado). Este mesmo aluno não apresenta um perfil semelhante aos dos outros alunos entrevistados, que eram da graduação, mas resolvi entrevistá-lo; primeiro para fins de comparação e segundo por ser bem conhecido e querido tanto entre alunos como entre professores do curso, tentando dessa forma, absorver e captar como se deu seu sucesso escolar e universitário. Dois dos outros entrevistados eram alunos os quais já conhecia de vista, pois cruzávamos pelos corredores da Faculdade. Esses dois alunos apresentaram-me a mais outros dois, sendo dois deles ingressantes de 2002 e outros dois de 2000. Entrei em contato com os

* Auxiliar de Pesquisa do Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo.

dois últimos entrevistados através do Núcleo de Consciência Negra da Universidade, onde encontrei pessoas bem intencionadas e interessadas a me ajudar na pesquisa. As entrevistas foram então feitas e gravadas dessa forma, sendo posteriormente transcritas, para uma maior facilidade de análise e estão anexadas ao fim deste relatório.

O fato de não entrevistar apenas alunos ingressantes em 2001, trouxe-me uma série de problemas para os quais não obtive nenhuma solução. Primeiramente, tornou-se impossível calcular a porcentagem de alunos negros que entrevistei em relação ao conjunto dos alunos negros e brancos, sendo também muito complicado fazer qualquer tipo de estudo quantitativo. O que fiz foi utilizar-me dos dados estatísticos de 2001, colhidos no trabalho de Fernando Limongi, Leandro Piquet, Paulo Henrique da Silva e Wagner Mancuso, intitulado “Acesso a Universidade de São Paulo: atributos socioeconômicos dos excluídos e dos ingressantes no exame vestibular”, publicado pelo Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior, assim como os dados do 1º Censo Étnico da USP, coordenado pelo Professor Antonio Sergio Guimarães, e aproximá-los aos resultados obtidos através da análise das entrevistas realizadas por mim.

Foram levantados, portanto, dados referentes ao Vestibular de 2001 e houve um acompanhamento durante os anos de 2002 e 2003 de alunos afro-brasileiros que compõem o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Além disso, foi realizada, durante os dois anos como bolsista do projeto, a análise da extensa bibliografia discutida durante seminários programados pelo grupo de pesquisa do NUPES, coordenado pelas Professoras Eunice Durham e Carolina M. Bori, e outras referentes às dificuldades originadas pelo racismo no Brasil.

Realizei, através das 10 entrevistas com alunos matriculados no curso de Ciências Sociais, a coleta de dados referentes à condição do estudante negro, assim como dados referentes a suas trajetórias de vida, tanto no que diz respeito as suas relações sociais, como aos acontecimentos referentes a suas vidas escolares. Além disso, as entrevistas são muito ricas em termos de representações que os alunos elaboraram sobre sua trajetória e sua condição de estudante negro. Utilizei-me do seguinte roteiro de entrevistas:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

DADOS PESSOAIS

Nome, idade, local de nascimento e moradia, renda familiar, pais/chefes de família, escolaridade dos pais, profissão dos pais e irmãos. Relação com os pais, irmãos e com a vizinhança.

TRAJETÓRIA ESCOLAR

Fale um pouco sobre onde cursou o 1º e 2º graus: memórias sobre esse período em relação aos estudos, matérias que mais gostava e por que.

Relação com os professores, professores mais marcantes positiva e negativamente.

Relação com os colegas, amigos mais marcantes e acontecimentos marcantes.

Papel da família na trajetória escolar, quem mais influenciou, por que, se teve alguém parente espelho. Pessoas na família que também estão no Ensino Superior.

Vida escolar x sociabilidade → preconceito.

UNIVERSIDADE

Histórico da entrada (se fez ou não cursinho), como foi escolhida a sua carreira (1ª opção?, já havia tentado outras?) Quem apoiou e quem foi contra, quem mais influenciou. Qual era a opinião dos pais na época e se essa opinião mudou hoje em dia.

Dificuldades no ingresso – fale um pouco do vestibular e o percurso após a entrada.

Relacionamento com os professores e colegas. Como você se sente na Universidade e como ela mudou a sua vida.

Carreiras de maior ou menor prestígio.

Como você colocaria a questão da discriminação na universidade: ela existe? Onde ela se dá de forma mais explícita ou menos explícita.

Há discriminação na sua área ou local de trabalho?

Dificuldades encontradas no decorrer do curso.

Como você enxerga a “invisibilidade” de populações negras. Que motivos apontam para isso?

O que você acha das ações afirmativas? Aponte, se houver, vantagens e desvantagens.

IDENTIDADE

Qual a sua impressão sobre o termo identidade? O que ela quer dizer para você?

Você possui alguma identidade? Identificaria-se em termos de identidade racial?

Que categoria do IBGE você escolheria para se identificar? Essa mesma categoria serve para identificar a sua família?

Você já teve contato com algum movimento negro?

Você apontaria algumas modificações sociais para melhoria da situação da população negra no país?

A partir deste roteiro de entrevistas, meu objetivo maior foi acompanhar, durante os anos de 2001, 2002 e 2003, a trajetória dos alunos afro-brasileiros matriculados na graduação em Ciências Sociais, identificar características sócio-culturais e eventual discriminação que facilitam ou dificultam sua trajetória escolar, assim como analisar as representações que esses alunos construíram em torno das dificuldades dessa trajetória que afetam especificamente os alunos afro-brasileiros.

Antes de nos aprofundarmos nos dados colhidos nas entrevistas e nos dados estatísticos dos alunos afro-brasileiros matriculados no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, faz-se necessária aqui uma pequena introdução a respeito da população negra brasileira, da situação mais geral do negro no ensino superior, assim como das particularidades do racismo brasileiro¹.

2 – Racismo, preconceito e escolarização.

Em primeiro lugar, o estudo do racismo esbarra na inexistência de raças humanas, biologicamente definidas. De fato, a teoria na qual o racismo se apóia é uma teoria que a ciência moderna já demonstrou ser falsa: a de que existem diferenças genéticas na capacidade mental e moral das diferentes “raças”, as quais, por isso mesmo, são insuperáveis e se perpetuam através de gerações. Por praticamente não existirem raças isoladas e uniformes, geneticamente falando, até mesmo o próprio conceito de raça humana não tem sido utilizado na ciência moderna, mesmo porque a existência de diferenças genéticas que afetem a capacidade mental das diferentes populações humanas jamais conseguiu ser provada. Nesse sentido, o conceito de raça é uma criação social discriminatória e não um conceito científico. A categoria “raça”, utilizada para definir, distinguir e hierarquizar em função de características somáticas ou de ascendência étnica, grupos e categorias sociais, somente existe na interação social e se torna pertinente pela existência, real e incontestável, do racismo.

Para fazer uma análise da situação do negro no ensino superior, faz-se necessária uma análise de fatores que se relacionam diretamente com ele, dentro dos quais a educação parece ser um dos mais importantes no processo de ascensão social e obtenção de status ocupacional,

¹ Para tal introdução, apoiei-me no texto de Durham, Eunice R. *Desigualdade educacional e quotas para negros nas universidades*. São Paulo: Documento de Trabalho NUPES, nº2, 2003, o qual deve ser consultado caso haja maiores dúvidas a respeito da situação mais geral do negro no Brasil.

tal como vemos nas bibliografias mais atuais que tratam do assunto². Sabe-se, portanto, que o campo educacional influi fortemente nas perspectivas futuras de participação social e de acesso às posições melhor remuneradas do mercado de trabalho, tanto para negros como para brancos. Mas sabe-se também que, no processo educacional, a população negra é prejudicada desde o ingresso na escola até mesmo ao retorno no investimento em educação, quando se depara com o caráter discriminatório do mercado de trabalho. Mas a pobreza não explica tudo. Mesmo quando os dados são controlados pelo nível de renda, a defasagem escolar e sempre maior para os negros, que, neste sentido, são os que possuem maior taxa de analfabetismo, além de um atraso de escolaridade, maiores índices de evasão e repetência, o que tem como conseqüência, maiores dificuldades de entrar em universidades e posteriormente, em ocupar os cargos de comando melhor remunerados no mercado de trabalho (Sampaio e Limongi, 2000) . Podemos visualizar isto melhor nas tabelas a seguir.

Tabela 1 - Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 ou mais anos de idade por cor/raça - 1992/1999

	Ano	
	1992	1999
População Total	17,2	13,3
População Branca	10,6	8,3
População Negra*	25,7	19,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, 1992, 1993, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999.

Nota: * A população negra é composta por pardos e pretos.

Apud. Henriques, 2002. p. 37.

Tabela 2 – Anos de estudo, segundo sexo e cor. Brasil, 1990.

	Homens				Mulheres			
	Branco	Pretos	Pardos	Total	Branco	pretas	Pardas	Total
Menos de 3 anos	32,0	55,0	54,7	41,9	31,5	54,3	51,8	40,1
Oito a doze anos.	32,1	14,2	15,6	24,9	32,9	14,9	17,5	26,4
Doze ou mais anos	11,8	2,1	2,8	8,0	11,8	2,5	3,2	8,2

Fonte: Tabulações especiais, PNAD de 1990.

Apud. Lima, Márcia, 1999, p. 151

² Dentre elas: Limongi, Fernando Torres, Haroldo e Sampaio, Helena. *Equidade e Heterogeneidade no Ensino Superior Brasileiro*. São Paulo: Documento de Trabalho NUPES, nº 1, 2000.; Hasenbalg, Carlos A.; Silva, Nelson do Valle; Lima, Márcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999; e outros.

Como se pode ver em ambas as tabelas, os negros, que definimos como a soma de pretos e pardos, sofrem de uma defasagem visível do nível educacional frente aos brancos. Constatamos isso na primeira tabela, que mostra que o número de negros analfabetos é maior do que o dobro do número de brancos analfabetos. Na Tabela 2, tal defasagem fica visível ao ver que a população negra apresenta fortes diferenças em relação aos brancos, pois mais da metade deste grupo possui somente até três anos de escolaridade. Nas outras duas situações, na faixa de oito a doze anos de escolaridade e na faixa de doze ou mais anos de escolaridade, apenas uma pequena parcela da população negra está incluída, sendo que, na primeira faixa, o grupo negro chega a apresentar metade dos percentuais brancos e na segunda faixa, um quinto.

Vê-se, nessas duas tabelas, que a desigualdade educacional entre brancos e negros é gritante. Mas, além desta desigualdade, é necessário reconhecer que, no Brasil como um todo, e principalmente nas regiões menos desenvolvidas. A população que possui mais de oito anos de estudo é muito pequena, mesmo entre os brancos, e que encontramos em nossa população, indivíduos poucos escolarizados, sendo que menor parcela ainda o ensino superior. Enfrentamos, portanto, um imenso atraso educacional que diz respeito à população como um todo, e com isso queremos dizer, tanto em relação aos negros quanto aos brancos. Tal atraso se deu de forma diferente na região Sudeste do país em comparação com as outras regiões do Brasil. Isso se explica pelo tipo de desenvolvimento econômico e de dominação política próprio das diferentes regiões, ou seja, o Sudeste, apresenta características de uma sociedade urbana-industrial, com grande contingente vivendo em cidades e um proletariado considerável, enquanto que o resto do país manteve um caráter mais agrícola e rural.

Para entender esse retardamento de escolarização, faz-se necessário reconhecer que a leitura e a escrita, sob a égide da economia tradicional, não eram habilidades exigidas e nem mesmo úteis, ou seja, o domínio da leitura e da escrita não significava uma melhoria das condições de vida porque o trabalho não exigia. Por isso, pequenos proprietários meeiros, assalariados rurais, etc, não as valorizavam. Nas zonas urbanas, o mesmo acontecia, uma vez que para o trabalhador manual, numa sociedade não industrial, a possibilidade de ascensão não se dava através de uma instrução formal, mas sim de prática, pois suas funções residiam em atividades artesanais. Explica-se, portanto, porque grande parte da população não era letrada. As instruções formais, ou seja, a escolarização, constituía um aparato que apenas uma pequena parcela elitizada possuía. Apenas com o surgimento do capitalismo moderno e da urbanização associada à industrialização que se implantou a valorização da escola e é por isso que o Sudeste, como região mais influenciada por tais acontecimentos, apresenta, hoje em dia,

uma vantagem grande em relação às outras regiões menos desenvolvidas no que diz respeito aos índices de escolarização (Durham, 2003).

Muitos autores, tais como Hasenbalg, têm desqualificado o passado escravo dos negros como explicação de um nível menos elevado de escolarização do que o dos brancos, tal como para a explicação do racismo. É certo que este passado não pode explicar tudo, além disto, quando invocado, funciona freqüentemente como uma explicação ideológica que acaba por esconder os mecanismos que, no Brasil, perpetuam a discriminação racial: é como se o racismo brasileiro fosse uma mera sobrevivência de um passado sem lastro real na sociedade. Por outro lado, não se pode dissociar a situação atual do racismo de tal passado, pois ela resulta de uma trajetória histórica que de fato provocou dificuldades posteriores de inserção do negro na sociedade. O próprio Hasenbalg reconhece este problema, que denomina de “ciclo de acumulação de desvantagens” (Hasenbalg, 1988), o qual é caracterizado pela soma do preconceito com a pobreza, a ausência de escolaridade, a desorganização familiar, todas elas heranças da escravidão que se constituíram como uma série de obstáculos para a ascensão social, criando, para o negro, um círculo vicioso de reprodução da desigualdade.

Com relação à educação do Brasil, sabe-se que, ela tem melhorado muito. Houve um enorme incremento da população e da inclusão no sistema escolar, mas que, no entanto, não ocorreu no mesmo ritmo para todos os segmentos da população e sabemos bem que foram os pretos e pardos os menos privilegiados.

Dado este contexto, quando estamos lidando com o ensino superior brasileiro, não é surpreendente para ninguém o pequeno número de estudantes negros tanto nas universidades particulares, como nas públicas, mesmo porque este é um tema que tem sido bastante discutido através da tentativa de criação de políticas públicas e ações afirmativas que garantam quotas reservadas para negros e que assim os insiram na universidade. Podemos observar o pequeno número de estudantes afro-brasileiros nas duas tabelas a seguir, elaboradas por Ana Lucia Lopes e Omar Ribeiro Thomas, as quais podemos utilizar para verificar a pequena porcentagem de alunos negros no ensino superior e, especificamente na Universidade de São Paulo, frente a grande porcentagem da população negra brasileira entre 18 e 24 anos.

Tabela 3 - Porcentagens da distribuição da população brasileira e dos jovens entre 18 e 24 anos, por cor 1997

Cor	População brasileira	Jovens entre 18 e 24 anos
Branca	54,0	51,9
Parda	39,9	42,2
Preta	5,4	5,4
Amarela	0,5	0,3
Indígena	0,2	0,1

Fonte: IBGE-PNAD,1999 (dados referentes a população brasileira), IBGE-PNAD, 1997 (dados referentes aos jovens brasileiros).

Apud: Durham, E. E Bori, C. (orgs.), *Seminário O Negro no Ensino Superior*. São Paulo: Série Capa Azul Seminários, nº 1, 2003.

Observando a Tabela 3, se somarmos o percentual de jovens pardos e pretos, temos a soma de 45% da população que podemos classificar afro-descendente. Do montante dos jovens entre 18 e 24 anos, apenas 7% esta cursando o ensino superior, e, em relação aos jovens negros, o índice cai para apenas 2%.

Ao compararmos a porcentagem da população e a porcentagem de concluintes do ensino superior vemos que, enquanto temos 54% de brancos na composição da população, eles constituem 77,8% dos concluintes do ensino superior; por outro lado, negros e pardos constituem, respectivamente, 5,4% dos negros e 39,9% da população dos pardos que compõem a população, Entre os concluintes do ensino superior, eles representam apenas 2.7% e 16,4%, respectivamente. Constatamos aí uma grande desigualdade, que se amplifica ao somarmos o número de negros e pardos: que são 45% da população, e apenas 19,1% dos 7% que constituem o total dos concluintes.

Tabela 4 - Porcentagem da população brasileira e dos concluintes do ensino superior, por cor.

Cor	População brasileira	Concluintes do Ensino Superior
Branca	54,0	77,8
Negra	5,4	2,7
Parda	39,9	16,4
Amarela	0,5	2,4
Indígena	0,2	1,1

Fonte: IBGE, 1999/INEP, 2001

Apud: Durham, E. E Bori, C. (orgs.), *Seminário O Negro no Ensino Superior*. São Paulo: Série Capa Azul Seminários, nº 1, 2003.

Tabela 5 – Percentual de respostas dos alunos que prestaram o Exame Vestibular à pergunta: “Usando as categorias do censo do IBGE, qual a sua cor?” USP -2001.

Cor	Freqüência	Porcentagem
Branca	1205	76,9
Parda	109	7,0
Preta	19	1,2
Amarela	200	1,8
Indígena	7	0,4
Não respondeu	26	1,7
Total	1566	100,0

Fonte: Pesquisa amostral do I Censo Étnico-Racial da USP, 2001.

Observando a tabela a seguir, dos ingressantes de 2001 na Universidade de São Paulo, vemos que a realidade é particularmente grave face ao Ensino superior em geral. Apenas 8,2% dos alunos são negros (pretos e pardos). Dentre as Universidades públicas brasileiras, sobre as quais existem pesquisas sobre composição por cor, a USP é a que tem o menor número percentual de negros.

**Tabela 6: Distribuição dos estudantes segundo a cor.
UFRJ, UFPR, UFMA, UnB, UFBA e USP – 2001.**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB	USP
Branca	76,8	86,5	47	50,8	63,7	78,2
Negra	20,3	8,6	42,8	42,6	32,3	8,3
Amarela	1,6	4,1	5,9	3	2,9	13,0
Indígena	1,3	0,8	4,3	3,6	1,1	0,5
Total	100	100	100	100	100	100
% de negros no Estado	44,3	20,27	73,36	74,95	47,98	27,4
Déficit	24,33	11,67	30,56	33,55	15,68	18,94

Fonte: Pesquisa Direta. Programa A Cor da Bahia /UFBA , I Censo Étnico-Racial da USP e IBGE - Tabulações Avançadas, Censo de 2000.

Frente a esses dados, vê-se que o negro sofre de uma discriminação que se dá de diversas maneiras, e que de uma forma ou de outra, acaba impedindo-o a ocupar algumas posições dentro da sociedade brasileira. O estudo de Hasenbalg, Silva e Lima (1999) mostram que, além de não conseguir certas posições no mercado de trabalho, por causa das menores oportunidades de formação escolar avançada, quando os consegue tem uma diferença salarial em relação aos brancos que não se explica via educação, competência, ou qualquer paradigma racional que oriente o mundo contemporâneo. Ou seja, há no Brasil, e principalmente no mercado de trabalho brasileiro, uma discriminação racial, que se dá, na maioria das vezes, através da aparência, isto nos remete a Oracy Nogueira, que em seu trabalho, “Preconceito de Marca, Preconceito de Origem”, assinala que, no Brasil, possuímos um preconceito de marca, um racismo difuso, não institucionalizado que se dá através da aparência, de características fenotípicas, diferentemente dos Estados Unidos em que o indivíduo, para ser considerado negro, basta ter apenas um único ancestral longínquo de origem africana.

Agora, tendo em vista os dados mais gerais sobre o tema, que será discutido neste relatório, é pertinente relacionar os dados colhidos nas entrevistas e os dados estatísticos, referentes ao exame vestibular da FUVEST de 2001.

3- Candidatos e ingressantes no vestibular da USP de 2001 do Curso de Ciências Sociais

Inicialmente, alguns fatos levantados durante as entrevistas, merecem ser analisados com mais cuidado e profundidade, pois aparecem de forma mais freqüente nos relatos dos alunos. Dentre eles, podemos destacar:

O fato de que, dos dez alunos negros entrevistados, oito não nasceram e não estudaram no município de São Paulo. Deles, cinco vieram do interior do estado, de cidades como Mogi das Cruzes, Suzano, Limeira, Arujá, Jacareí; um veio do litoral paulista, de São Vicente; e dois vieram de fora do Estado de São Paulo: um de Belém do Pará, e uma aluna do Espírito Santo. Apenas dois estudantes nasceram e viveram em São Paulo, sendo que um deles estudou em escola particular durante toda a sua trajetória escolar e ambos fizeram cursinho antes de prestar o vestibular. Dos cinco estudantes que vieram do interior, apenas um estudou em escola particular, o que, frente à realidade de dados que encontramos sobre a escola pública do município de São Paulo, pode nos apontar para a hipótese de que o ensino público fundamental e médio fornecido no interior do estado de São Paulo é de melhor qualidade do que aquele que encontramos aqui. Mesmo assim, dos 10 alunos entrevistados, apenas um deles não fez cursinho e passou diretamente no vestibular da FUVEST, sendo este aluno, segundo suas próprias palavras, “muito esforçado e uma exceção”.

Podemos encontrar, nas tabelas e no gráfico abaixo, indicações da diferença da qualidade entre o ensino das escolas públicas e das particulares, e constatamos a alta porcentagem de alunos que cursaram o Primeiro e Segundo graus em escolas particulares, e uma pequena porcentagem dos aprovados provindos de escolas públicas, embora estas formem a grande maioria dos alunos que completa o ensino básico.

Tabela 7: Tipo de escola freqüentada no 1o e 2o grau pelos inscritos e aprovados no vestibular de 2001 para o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

	Público e/ou meio particular	Só particular	Total	
			%	N
Inscritos				
1o grau	62,5	37,5	100	1710
2o grau	51,3	48,7	100	1975
Aprovados				
1o grau	44,4	55,6	100	205
2o grau	37,4	62,5	100	206

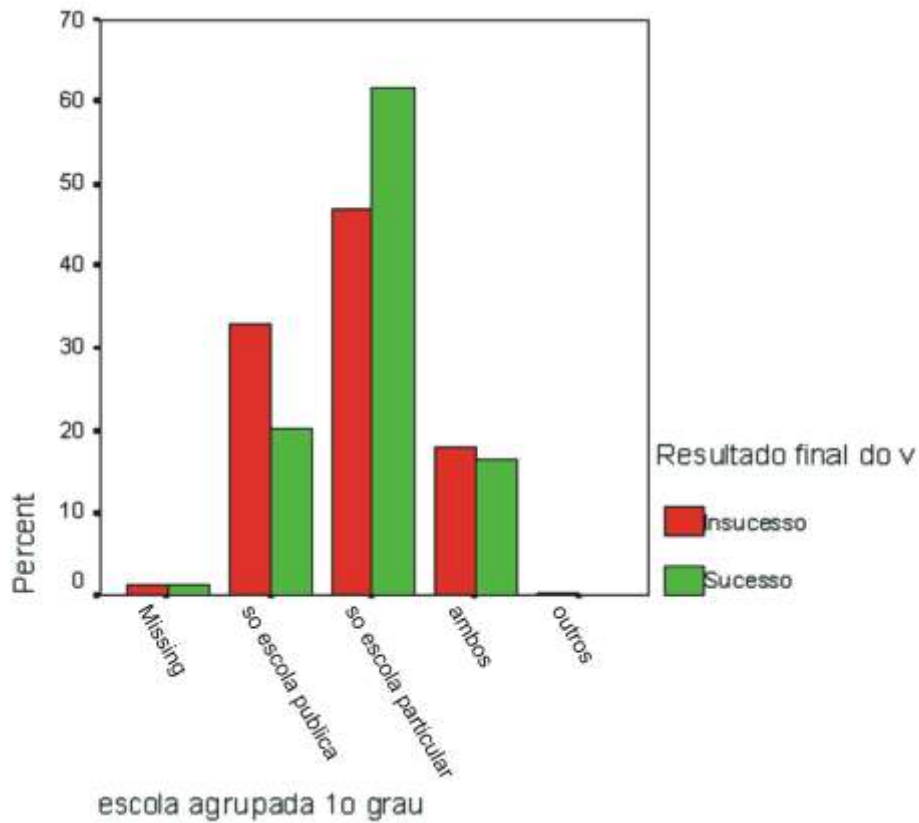
Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. e Mancuso. 2002.

Tabela 8: Notas médias dos inscritos e aprovados no vestibular de 2001 para o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo por tipo de escola freqüentada no 1o e 2o grau.

	Público e/ou meio particular	Só particular	Media
Inscritos			
1o grau	57	66	60
2o grau	56	65	61
Aprovados			
1o grau	87	90	88
2o grau	86	90	88

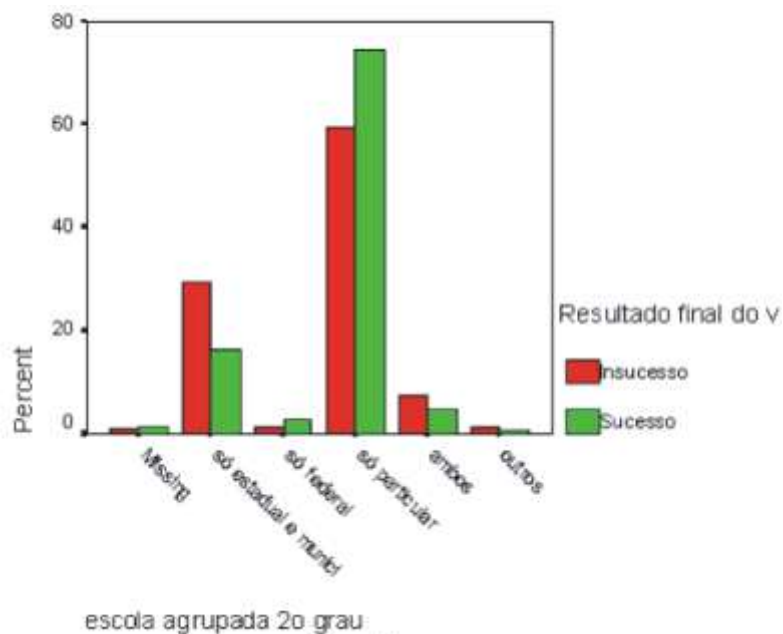
Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. e Mancuso. 2002.

Gráfico 1: Resultado final do vestibular, segundo o tipo de escola de 1º grau



Fonte: Pesquisa amostral do I Censo Étnico da USP

Gráfico 2: Resultado final do vestibular, segundo o tipo de escola de 2º Grau.



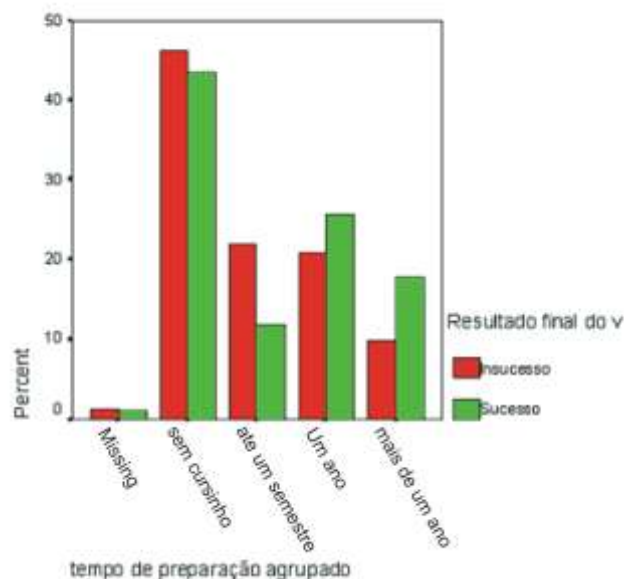
Através dessas duas tabelas e desses dois gráficos vemos que o fato de os candidatos terem estudado em escolas particulares lhes dá uma grande vantagem frente aos que não estudaram. Nos gráficos, fica visível o maior número de sucessos no ingresso ao vestibular entre aqueles que estudaram em escolas particulares. Nas Tabelas 7 e 8, verificamos que, entre os inscritos, apenas 37,5% estudaram o 1º grau e 48,7% o 2º grau em escolas particulares; entre os aprovados, a porcentagem dos que estudaram em escolas particulares aumenta para 55,6 e 62,5%, respectivamente, estudaram em escolas particulares. Correspondentemente, o número de inscritos que estudaram em escolas públicas diminui quando olhamos para as características dos aprovados, indo de 62,5 e 51,3% para 44,4 e 37,4%. Essa desvantagem se agrava mais ainda quando vemos que aqueles que fizeram cursinho, também têm maiores chances de ingressar no curso de Ciências Sociais. Observamos que os que fazem um ano de cursinho são aqueles que têm maior probabilidade de para ingressar em uma universidade pública tal como a USP.

Tabela 9: Porcentagem dos inscritos e aprovados no vestibular de 2001 para o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo que fizeram ou não cursinho.

	Com cursinho	Sem cursinho	Total	
			%	N
Inscritos	45.3	54.7	100	1.721
Aprovados	53.1	46.9	100	207

Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. e Mancuso. 2002.

Gráfico 3: Resultado final, segundo o tempo de preparação.



Vemos no Gráfico 3, mais uma vez que os cursinhos influem nas chances de ingresso na Universidade de São Paulo. Assim, visivelmente, aqueles que não fizeram cursinho, são os que obtêm maiores índices de insucesso. Já os alunos que fizeram um ano ou mais de cursinho, têm as probabilidades de entrada aumentadas conforme o tempo de preparo para a prova. Constata-se, na Tabela 9, que mais da metade dos candidatos ao vestibular não fez cursinho. Por outro lado, a porcentagem dos alunos aprovados com cursinho é maior do que a metade. Isso ficou bem visível nas entrevistas, pois dos dez entrevistados, apenas um não fez cursinho. Assim vemos que a FUVEST exige alunos bem preparados, os quais são mais freqüentemente formados em escolas particulares e em cursinhos. Dado o custo desta formação, podemos concluir que a população de maior renda realmente tem maiores possibilidades de ingresso na Universidade de São Paulo. Como a população negra no Brasil é muito mais atingida pela pobreza do que a branca e ela que encontra menores oportunidades de obter uma formação básica de boa qualidade e, conseqüentemente, de ingresso numa universidade pública como a USP.

Esta questão foi muito discutida pelos alunos negros que entrevistei e esta associada à crítica que todos eles apresentaram com relação ao próprio vestibular, alegando que este é um método de avaliação perverso, que exige apenas boa capacidade de memorização e boa escrita, e se configura como uma peneira social e racial. Isso fica aparente na fala de alguns dos entrevistados quando perguntei o que eles achavam da FUVEST e se eles achavam que o exame avaliava o conhecimento dos candidatos:

“Ah, eu acho que não avalia nada, no fundo é quem decora mais, até as musiquinhas que os professores fazem é para decorar mesmo, não é um sistema confiável para medir conhecimento, é uma peneira cruel para ver quem decorou mais, quem estudou em escola particular, quem teve condições de pagar um cursinho bom, porque no fundo não avalia nada de conhecimento”.

“É um mecanismo social. Quem passa na Fuvest é quem teve uma boa formação. Tem alguns exemplos isolados de alunos que estudaram sempre em escola pública, mas a média são pessoas que ou estudaram em ótimos colégios, ou fizeram os melhores cursinhos. O Anglo, por exemplo, está R\$ 800,00. Como é que uma pessoa que ganha um salário mínimo de R\$ 240,00 vai fazer um cursinho desses? Então é aquela coisa... os alunos aqui, pelo menos grande parte, não é que não precisam, a universidade pública é direcionada a todos,

mas eles têm carros, tem condições, são outros contatos, são outros meios. É que nem em Mogi, eu saí de um grupo de lá para entrar em outro aqui. São pessoas que fazem parte dessa elite, que tem um capital simbólico. E eu estou humildemente chegando aqui, formando o meu, para que os meus filhos também possam estudar em bons colégios como eu”.

“Eu acho uma puta sacanagem, porque, primeiro que a pessoa já tem que pagar uma taxa para fazer o vestibular, que é uma taxa cara. O ensino básico é péssimo, há uma diferença muito grande entre quem fez uma escola pública e quem fez essas escolas de São Paulo, tipo Bandeirantes, coisas do gênero, que são caríssimas. Essas pessoas já chegam pra fazer o vestibular... já chegam prontos para o vestibular, não é um susto. Eu tenho amigos que tiveram dinheiro para pagar cursinho e tenho amigos que não, que tiveram que se virar sozinhos. Minha família não tinha dinheiro para pagar cursinho, minha mãe falava desde o início, muito menos para eu fazer Ciências Sociais. Então, eu tive que estudar por minha conta, como vários amigos meus. E, é lógico, tive que correr atrás de suprir deficiências que eu tive no ensino. Pra mim, o vestibular aprofunda a exclusão social, em síntese. Reproduz essa fórmula. Ah, a universidade é aberta... Aberta o caramba. Se você for ver, por mais que de repente as pessoas mais ricas tenham uma preocupação social, uma preocupação com questões sociais, pro Brasil não interessa: são pessoas ricas, com uma origem de uma classe mais alta”.

No que diz respeito ao ensino fundamental e médio público e privado, foi interessante notar também dois tipos de choques: um choque de uma aluna, que estudou a vida inteira em escola pública, ao chegar no cursinho e perceber que não havia aprendido nada, e outro, de um aluno, que estudou a vida inteira em escola particular, ao chegar no cursinho e achar algumas coisas muito fáceis:

“E, quando eu entrei... eu morava numa rua do ANGLO. Então, eu fiz lá mesmo. Quando eu comecei foi um choque. Na primeira semana eu falei: Meu Deus, o que é isso? O que eles estão falando. Porque assim, da primeira a oitava série eu tive um ensino tosco, que eu aprendi as coisas de português que eu gostava e de história. Só. Geografia era caligrafia, copiar coisas do livro. O primeiro colegial não tinha professor, era uma zona. E segundo e terceiro

colegial eu tinha só matéria técnica, o básico da matemática, e eles eram bons nas matérias específicas, o resto... Então, eu não tinha base nenhuma, e eu entrei assustadíssima”.

“Então, cursinho eu fiz, mas por vagabundagem, porque com a base que eu tive deu para passar para a segunda fase da Fuvest e da UNICAMP, mas eu só pensava em Porto Seguro, só pensava em festa. Então, eu fiz. No terceiro ano eu prestei a USP e a UNICSUL, ganhei a bolsa, porque eu passei em primeiro lugar. Em 2002 eu comecei a UNICSUL, que era de manhã, e à tarde eu fazia cursinho. Tinha uma minoria negra também... fiz cursinho no Universitário, no Tatuapé. Essa questão já começou a parecer no cursinho, tinham poucos alunos negros e no cursinho, o que aconteceu mais foi um choque de formação, porque eu tinha vindo de um colégio particular, tinha uma formação, hoje eu falo: ah, aquela escola é uma merda, mas eu tive uma boa formação, acho que tinham pessoas ou que vinham de uma escola particular fraca, ou do ensino público, porque o ensino público hoje é triste, né? Então, no cursinho eu tive aquele choque: eu era um aluno que tinha uma boa formação, às vezes coisas simples que eu tinha aprendido na escola muitas pessoas não sabiam e eu me prestava a ajudar as pessoas... então eu acho que no cursinho foi isso, mas eu acho que valeu a pena”.

Essas duas falas são bem representativas da disparidade que encontramos quando nos propomos a olhar a qualidade do ensino brasileiro. Embora a qualidade do ensino nas escolas particulares seja muito heterogênea, e entre elas que encontramos melhor qualidade de ensino, mas que porém, são também as mais caras. Sendo assim, aqueles de menor renda não têm acesso a essas escolas. Conseqüentemente, estando menos preparados, não tem acesso também às universidades públicas, pois os cursinhos são também pagos, e caros. Sendo assim, boa parcela da população é barrada por diversos obstáculos escolares e, portanto, não tem acesso à universidade pública. As dificuldades apontadas nas entrevistas dizem respeito, basicamente, a desigualdade criada pelo nível de renda. Mas, entre os pobres, os negros encontram ainda maiores dificuldades que os brancos.

4 – Vestibulandos e alunos negros do Curso de Ciências Sociais.

Na tabela abaixo, podemos constatar que, em 2001, pouquíssimos candidatos negros se inscreveram no vestibular para o curso de Ciências Sociais e a porcentagem daqueles que passaram e ainda menor.

Tabela 10 - Autoclassificação de cor, por inscritos e aprovados no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.

	Entre as alternativas abaixo, qual e a sua cor?					Total	
	branca	Preta	parda	amarela	Indígena	%	N
	%	%	%	%	%		
Inscritos	78,8	4,3	11,9	4,5	0,5	100	1721
Aprovados	82,9	1,5	6,8	8,3	0,5	100	205

Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. E Mancuso, W., 2002.

Vemos, assim, que 78,8% dos candidatos a FUVEST para o curso de Ciências Sociais são brancos e 16,2% são negros. Porém, ao olharmos o resultado do Exame, vemos que 8,3% são negros, enquanto que 82,9% dos são brancos. Desta forma, podemos apontar para uma super-representação dos brancos e amarelos e uma sub-representação dos negros (pretos e pardos), como ocorre na realidade da universidade brasileira como um todo. Esta desigualdade é visível para quem anda nos corredores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP: todos notam o grande número de brancos e o pequeno número de alunos negros.

Entretanto, é impressionante o nível de conscientização social que os alunos de Ciências Sociais entrevistados apresentam. Digo isso pelo fato de que, como bolsista, realizei também a transcrição de algumas fitas de entrevista que a Professora e Pesquisadora Ana Lucia Lopes realizou com os alunos de Pedagogia, tanto da Universidade de São Paulo, como de outras universidades privadas existentes na cidade de São Paulo, o que me permitiu, de forma um tanto superficial, a comparação não só das opiniões desses alunos com os de Ciências Sociais, mas suas próprias atitudes e maneiras de pensar o negro no Brasil. Todos os alunos do curso apresentaram críticas ao vestibular e à própria sociedade brasileira, de um modo que eu não vi nas entrevistas realizadas pela pesquisadora no curso de Pedagogia. Um exemplo disso é a efetiva noção, quando perguntei sobre o pouco número de negros nas universidades públicas, da junção, ou somatória, do problema racial e do problema social

pelos quais todos os afro-descendentes passam ao lidar com a realidade brasileira, tanto no que diz respeito ao sistema educacional, quanto ao mercado de trabalho. Nas afirmações dos alunos também estão muito presente o conhecimento do que Hasembalg e Silva chamariam de ciclo cumulativo de desvantagens³, conceito através do qual se analisa a fonte da pobreza da maioria da população negra no Brasil, no qual a pobreza não é somente uma consequência do passado escravista, mas profere da falta de oportunidades, do preconceito e das discriminações raciais e onde não somente o ponto de partida é desvantajoso, mas em cada estágio da competição social essa desvantagem tende a aumentar. Assim, ela amplia-se através das discriminações em todas as fases da vida de um indivíduo negro. Eles apontam ainda para uma discriminação dupla por parte do mercado e do governo, pois há mais chances de qualificação numa Universidade Pública para aqueles estudantes vindos de escolas particulares e uma melhor qualificação para os universitários vindos da rede pública, nas quais um pequeno número de negros está inserido.

“É uma minoria, é um punhado mesmo que consegue. Eu acho que essa é uma questão histórica mesmo, porque tivemos dos 500 anos do Brasil, 400 com escravidão. E nesses 400 os negros não acompanharam o desenvolvimento cultural da humanidade, eles ficaram defasados quase meio milênio. Quando faz a Lei áurea pronto... cai no mundão e se vira. Pra recuperar essa defasagem, eles tiveram que batalhar muito, estudar muito, e hoje, o revés é esse, temos poucos negros na faculdade, tem uma maioria negra pobre no país, pois de cada 10 pobres 7 são negros, e fica difícil. O pessoal fala que para não ter cotas, deve-se melhorar a escola pública. Até esperar arrumar a escola pública, nós vamos ficar esperando mais uns 100 anos, 150, e vamos ficar empurrando com a barriga esse problema. Eu acho que é isso, que a questão histórica influenciou bastante, não tem essa história de determinismo de que o negro nasceu para o esporte.”

Foi muito interessante numa entrevista que fiz com uma ex-empregada doméstica, sua fala quando me contava a respeito de uma irmã, que em uma frase representou bem a situação que a maioria dos negros se encontra no Brasil.

³ Para melhor compreensão, ver Guimarães, Antônio Sérgio. “Raça e Pobreza no Brasil”. In: *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

“... E a partir do meio do ano eu vou poder ajudar a minha irmã, que esta desempregada. Não, agora ela arrumou um emprego, de empregada domestica... E um círculo vicioso, né, por incrível que pareça, eu trabalhei num lugar que minha mãe trabalhou, e agora minha irmã esta trabalhando”.

Essa ultima fala que irei expor aqui e o maior exemplo de construção de uma consciência critica que encontrei em minhas entrevistas. O aluno demonstrou ter conhecimento de todos os âmbitos, práticos e teóricos, que permeiam o tema da iniquidade do ensino superior brasileiro, falando com bastante confiança e naturalidade:

A minha próxima pergunta foi: E a relação da USP com a Sociedade? Você acha que tendo esse papel, ela cumpre com isso no sentido da questão racial? Gilberto me respondeu: “de jeito nenhum, você começa com o processo seletivo, no qual você tem a visão oblíqua de que a prova vai atestar pessoas que são capacitadas a entrar na universidade, quando o vestibular não passa de uma seleção sócio-econômica. Até porque como você vai medir possibilidades, talentos, com modos tão objetivos. Talvez haja uma multiplicidade de elementos para o processo seletivo que seria mais justo, que não contasse a chance, o mérito que você teve de nascer em uma boa família. A questão aqui na universidade é o mérito, né? Onde, na verdade, o mérito está localizado no berço em que você nasceu. Você tem menos mérito se nascer na Cidade Tiradentes, em Belém, ou em Guaianazes. Então essa questão do mérito é falaciosa. A partir do momento que você está trabalhando com posição social, quando o modo de selecionar as pessoas está indiretamente ligado à questão social, você automaticamente elimina a grande maioria da população negra desse processo, a grande maioria. A grande maioria é eliminada por pertencer estatisticamente, visivelmente, intuitivamente, a posições mais abastadas da sociedade. Então, é um círculo vicioso. Se você tem pessoas em posições sociais e econômicas desprivilegiadas, essas pessoas, a gente sabe que a educação formal que elas tem é muito pequena, as condições de conseguir faculdades são pequenas, de arrumar emprego são pequenas, e, com isso, a chance de educar seus filhos também são pequenas e as coisas vão se repetindo, é um círculo vicioso interminável. Então a questão do racismo na universidade, eu vejo por isso, falar em racismo na universidade pode ser meio

impreciso, mas que de fato ela acentua a desigualdade não há nenhuma dúvida, ela não vai no sentido oposto de diminuir a desigualdade. A miopia com relação a isso..., quando se discute a possibilidade de mudança do processo seletivo, não se pensa sobre isso, ou então a discussão fica restrita, professores não discutem isso, a reitoria não discute isso. Na Sociais tem pessoas estudando, mas não tem a relevância que deveria ter tomado. Como é que você vai tratar questões com pessoas que historicamente tem a mesma visão de mundo. Você não tem a possibilidade de um olhar novo sobre a questão. É um ciclo vicioso tanto com essa questão econômica, como se tem o círculo vicioso na universidade com as mesmas pessoas, as mesmas origens, a mesma visão de mundo. Se isso não é acentuar a desigualdade, eu não sei o que é. Tem esse aspecto do preconceito racial, pois a USP é a universidade pública que menos tem negros no Brasil inteiro e não se faz nenhum movimento contra isso. Ao contrário, aqui só se acentua a desigualdade. Se chama-se isso de racismo, obviamente a universidade é racista. Embora eu ache que como a questão racial não passa em vão, por exemplo... quase sempre ela não vem de um lado só, com argumentos racionais, o lado emocional transborda a todo momento, você se perde nas discussões do lado racional e entra no sentimento, ódios guardados, e desperdiça-se a oportunidade de discussão e de ir adiante na questão. Mas eu acho que, de modo geral..., por isso eu prefiro usar discriminação mesmo, acentuar as desigualdades, sejam econômicas ou raciais. Outra coisa que eu percebo nas discussões é a questão classe e raça: acentuar uma ou acentuar outra eu acho que fica muito aquém da complexidade da questão racial no Brasil todo”.

Essa maior conscientização pode ser proveniente talvez pelo fato de estarem mais próximos dos estudos científicos sobre a questão racial dentro do Curso de Ciências Sociais, assim como novas amizades e relacionamentos, como pude notar nas entrevistas:

“Essa é a grande questão, é de tal forma sutil e sofisticado, que não há percepção grosseira que veja. Só depois de adquirir maturidade a respeito da questão é que você começa a perceber através dessas contradições nas falas, como: mesmo sendo..., ele é legal mesmo sendo isso, mesmo sendo aquilo, aquelas coisas que a gente ouve desde pequeno e depois começa a perceber.

Acho que eu só tive plena consciência do problema, se é que isso existe, na universidade mesmo, no final do primeiro ano. Até mesmo pelo contato que eu tive com algumas pessoas, quando eu vi a quantidade de negros, e aí você começa a dar algum sentido aí. De fato, eu adquiri consciência na universidade mesmo.”

“Durante a minha vida, não que eu não percebia, mas era uma coisa que me passou despercebido pelo fato de eu não ter colegas negros, de não entrar em contato com pessoas negras e mesmo meus amigos serem majoritariamente brancos. Eu não sei... acontecia sempre alguma coisa, mas nada muito de eu me sentir nossa, diferente e tal. Eu senti mais isso quando eu vim para São Paulo, porque aqui eu conheci pessoas como o Uyrá, que já tinham uma certa consciência, porque meus pais, é aquela coisa, eles são negros e tal... No cursinho, eu não lembro, não sei se eu não via, se havia ingenuidade, porque eu acho que nessa época ainda havia uma certa ingenuidade em mim, em certos pontos. Aqui e eu fui abrindo os olhos para essas coisas.”

E você acha que a USP, a FFLCH mudou a sua vida em alguns sentidos? “Claro, mudou. O primeiro sentido foi a visão de mundo mesmo, e eu não sou apenas um cidadão, eu sou mais do que isso, eu sou um cidadão negro, e dentro desse quadro eu tenho que fazer alguma coisa. Porque é aquela coisa, no manual você vê: ah, você está na USP, a sociedade está pagando os seus estudos, então você tem que contribuir para a sociedade. Tá vamos dizer que 80% das pessoas que estão aqui não tem essa preocupação, esquecem o manual. Eu, quando entrei aqui eu tinha essa preocupação, principalmente na Ciência Política, eu tinha essa idéia de fazer uma ONG para questão de consciência de voto. Hoje eu já desencanei um pouco disso, mas, é a questão mesmo de, acho que pelo fato de ter essa consciência de ser um cidadão negro, privilegiado, apenas 2% dos alunos na universidade brasileira são negros, se bobear é até menos, o quadro no qual estou inserido, eu sinto necessidade mesmo de estar posteriormente, ou aos poucos, estar virando isso. Ou seja, tudo que está sendo assimilado por mim aqui dentro, ser voltado para a sociedade. Acho que é um ponto essencial”.

5 – A questão do negro nas disciplinas do curso de Ciências Sociais.

Face a esta disparidade entre as atitudes dos alunos de Ciências Sociais, as que caracterizaram as entrevistas com alunos de Pedagogia e a hipótese de que o próprio curso estimula ou dificulta uma atitude crítica, levantei as disciplinas oferecidas pelos três departamentos da Faculdade, o de antropologia, sociologia e a e ciência política⁴, que também se relacionam ao tema:

Das 43 disciplinas oferecidas pelo Departamento de Antropologia, cinco estão relacionadas ao problema das relações inter-étnicas, do preconceito e da discriminação racial.

- Antropologia da Sociedade Multi-racial Brasileira: O Segmento Negro, ministrada pelo Professor Kabengele Munaga, cujo objetivo é “Fornecer ao aluno de Ciências Sociais os elementos teóricos e empíricos capazes de levá-lo a compreender: a) que a sociedade brasileira é, desde sua "invenção", uma sociedade plural, biológica e culturalmente; b) que essa pluralidade ou diversidade historicamente construída não é vivida tranqüila e harmoniosamente como deixou entender o mito da democracia racial brasileira. Pelo contrário, deu origem aos preconceitos raciais e étnicos que se conjugam para construir o racismo à moda brasileira; c) que este racismo prejudica o processo de formação da cidadania e da democracia brasileiras”.
- Do Afro ao Brasileiro: Religião e Cultura Nacional, ministrada pelo Professor Wagner Goncalvez da Silva, cujo objetivo é “Oferecer ao aluno de Ciências Sociais uma perspectiva antropológica de interpretação do processo de formação e da dinâmica das religiões afro-brasileiras sublinhando seus diálogos com a cultura nacional em termos de comportamento, estilo de vida e produção simbólica”.
- Introdução a Etnologia da África Sub-saara, ministrada pelo Professor Carlos Moreira Henriques Serrano, cujo objetivo é “Iniciar os alunos ao estudo das culturas e sociedades africanas enfocando uma das características fundamentais do continente geralmente negligenciada, ou seja, a diversidade biológica, lingüística e principalmente cultural.

⁴ Dados retirados do site da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- Rediscutir alguns conceitos-chaves como os de tribo, etnia, grupo étnico, nação, estado, etc. geralmente confusos e ideologicamente carregados, devolvendo-lhes seu conteúdo antropológico na caracterização cultural da África.

- Apontar e discutir os problemas culturais da África em mudanças, evitando a visão estática de uma África indiferenciada e mostrando a dinâmica cultural das sociedades africanas e as perspectivas futuras da Antropologia naquele continente”.

- Introdução às Ciências Sociais (antropologia), Ministrada pelos Professores. Kabengele Munaga e Renato Queiroz, cujo objetivo é “Possibilitar ao aluno de ciências sociais uma formação básica e introdutória em antropologia bem como estabelecer perspectivas para o aprofundamento de certos instrumentos teóricos e metodológicos da reflexão antropológica”, com os seguintes tópicos inseridos no programa: “A transição para a humanidade. A Antropologia e o conceito de cultura. A legitimação das desigualdades. A domesticação do corpo e a construção do espaço. A Antropologia e o conceito de cultura - Desigualdade e diferença, a percepção da diferença, conceitos de cultura, campos e divisões da Antropologia, olhar antropológico e relativismo cultural A legitimação das desigualdades - Etnocentrismo, preconceito, racismo”.
- Poder e Diferença, ministrada pelo Professor Julio Simões, cujo objetivo é “Familiarizar o aluno com as perspectivas antropológicas de análise do poder e da política, tendo em vista suas conexões com reflexões influentes na teoria social e política contemporânea associadas à politização das noções de diversidade e diferença. A partir do debate teórico e da discussão de estudos e monografias particulares, buscase avaliar as contribuições da antropologia para a compreensão de práticas e códigos de poder, bem como das configurações e processos culturais ligados à emergência de múltiplas e cambiantes formas de cultura pública, cidadania e identidades políticas na experiência contemporânea”, com os seguintes tópicos inseridos no programa.

Poder e política na perspectiva antropológica

- Sistema político e segmentação. Conflito e laço social na perspectiva estrutural-funcional.
- Perspectivas centradas em ação e processo. Estrutura e diferenciação social. Mito, ritual e processo político.

- Reciprocidade e poder. Lógica da chefia e da diferenciação. Representações do poder.
- Enfoque transacional. Etnicidade, organizações informais e política.
- Intervalo interdisciplinar (I) Relações de poder. Símbolos e representações do poder. Hegemonia.
- Intervalo interdisciplinar (II) Diversidade e universalidade. Conflito e tolerância.
- Cultura e política nas sociedades contemporâneas: três pontos de vista.
- Movimentos sociais, organizações de base, lideranças partidárias e processos políticos.
- Eixos de diferenciação e desigualdade no "privado" e no "público".
- Políticas da identidade e da diferença

O Departamento de Sociologia oferece, de um total de 59 disciplinas, quatro disciplinas relacionadas direta ou indiretamente com a questão racial.

- Desenvolvimento Econômico e Mobilidade Social no Brasil, ministrada pelo Professor Álvaro Comim, cujo objetivo é “A disciplina apresenta um panorama da formação da sociedade brasileira a partir das mudanças na estratificação e nos processos de mobilidade social. Organiza-se em torno de cinco painéis históricos: 1) A economia escravista; 2) a transição para o trabalho livre; 3) A montagem da economia industrial; 4) O "milagre" autoritário; e 5) a liberalização econômica. Pretende, também, introduzir os alunos a uma parte da bibliografia clássica sobre cada um destes períodos”.
- Formação do Pensamento Brasileiro, em que “a disciplina visa a focar o modo pelo qual diferentes autores e obras, considerados marcos do pensamento brasileiro, construíram paradigmas explicativos de diferentes aspectos da realidade histórico-social brasileira, entre os quais o latifúndio, a escravidão, a força de trabalho livre, a industrialização, a urbanização, as relações inter-étnicas, a organização político partidária, o Estado”.

- Religiões Negras do Brasil: Indivíduo, Sociedade e Política, ministrada pelo Professor José Reginaldo Prandi, cujo objetivo é “Introduzir os estudantes na interpretação sociológica das religiões brasileiras de origem africana, considerando-se sua constituição e expansão no Brasil e seu sentido para a sociedade brasileira em diferentes momentos históricos e contextos culturais, como no final do período escravista e em época recente”.
- Sociologia Das Relações Raciais No Brasil, ministrada pelo Professor Antonio Sergio Guimarães, na qual “a disciplina visa introduzir o aluno de graduação em Ciências Sociais no estudo da literatura brasileira e internacional sobre as relações raciais e étnicas no Brasil. Procederá, para tanto, de modo diacrônico, começando pelo pensamento social brasileiro do séc. XIX até as pesquisas mais recentes sobre desigualdades e discriminação raciais. Durante o curso, proceder-se-á a uma atualização dos principais conceitos -nação, raça, cor, etnia, relações raciais, etc.- que têm sido utilizados, assim como dos principais tópicos substantivos que têm sido objeto de pesquisa e estudos: identidade nacional, pensamento racista brasileiro, relações raciais, identidades étnicas, política racial, desigualdades raciais e racismo”

É interessante notar, e muitos alunos relataram durante as entrevistas, que o Departamento de Ciência Política não oferece nenhuma disciplina que se relacione com a problemática racial brasileira, o que poderia nos levar a crer que o negro, hoje em dia, por mais que tivesse alcançado espaços mais amplos na mídia, através das reivindicações dos movimentos negros, continua, dentro da Universidade, como um ser a-político, se é que isso existe. Além disso, muitos dos alunos reclamaram da dificuldade de se conseguir uma bolsa de iniciação científica através desse departamento, tendo apenas um deles conseguido.

“Uma coisa que eu percebi é que na Ciência Política não tem professor negro. Na Antropologia tem, mas na Antropologia você tem estudos sobre negros, na política não tem nenhum estudo relacionando o negro e a política. Sei lá, o negro é um apolítico? Ou ele só é um objeto de estudo da antropologia? Não tem nada na política. Na sociologia ainda tem, Florestan, e hoje tem o Professor Antônio Sérgio. Na política não tem. Eu, pelo menos, não conheço ninguém, nem mesmo estudos nessa área. No meu projeto, ta certo que ele tem muito de sociologia, por eu estar nesse grupo, aos poucos eu vou... Porque a idéia que eu tive, a princípio, era estudar os intelectuais negros, a importância

deles dentro dessa elite cultural, que é branca, e melhor do que isso, a influência desses intelectuais na formação de políticas raciais, políticas públicas raciais. E aí eu descobri que o Abdias foi deputado, então, alguma coisa disso. Mas, quando eu tive essa idéia, o professor já disse: não, é melhor você estudar a formação? Então, isso, por enquanto, já está meio ofuscado”.

6 – As oportunidades de formação para alunos negros no Curso de Ciências Sociais.

Seguindo a questão das bolsas de iniciação científica, muito importante para a formação acadêmica e profissional dos alunos de Ciências Sociais, visto o pequeno espaço existente no mercado de trabalho e a tentativa da maioria dos alunos em seguir carreira acadêmica, o que ficou aparente nas entrevistas foi a grande dificuldade dos alunos negros em conseguí-las. Isso porque, (tal dificuldade não atinge apenas os alunos afro-descendentes, mas os alunos em geral), para conseguir a bolsa, os alunos devem ter média ponderada acima de sete, nota consideravelmente alta, o que exige dedicação quase que integral a faculdade, que pede uma alta carga de leitura e de estudos. Para isso é necessário tempo e a maioria dos alunos tem que trabalhar para se sustentar na universidade. Através das pesquisas de Fernando Limongi, sabe-se que apenas 14,9% dos alunos inscritos em 2001 se mantêm através dos recursos dos pais, 66,3% trabalham para se sustentar. Não tendo tempo para os estudos, tais alunos classificam-se como “alunos 5, 6”, segundo a linguagem coloquial existente entre os alunos, e dessa forma, eliminam a possibilidade de obter a bolsa.

“Minhas dificuldades... Eu, de certa forma, só estudo, mas tenho duas faculdades, moro fora, levo quase duas horas e meia para chegar em casa, então isso, eu já acho que é difícil. Eu acho que aqui, os cursos em geral são sempre voltados para pessoas que não trabalham, logo, para pessoas da elite. Precisa-se de tempo e tempo é dinheiro. Então é para pessoas que podem ficar estudando, que têm tempo para ler, para fazer trabalho, para ficar aqui discutindo com o CA que não resolve nada, para ficar fumando maconha lá fora, para ficar dando voltas aqui dentro. A maior dificuldade para mim é de tempo mesmo, porque eu durmo tarde, acordo cedo, vivo à base de café, mas, fora isso, é do curso mesmo, leitura, chega na aula você quer falar uma coisa e fala outra”.

“Não, era no Paraíso, mas eu trabalhava das sete da manhã as seis da tarde. Então, a dificuldade que eu tinha era de... eu não pude fazer estatística, porque todo mundo acha ruim fazer estatística, mas, se você vem pra cá, fazer os exercícios, tem lá o tal do *minitab*, eu não podia vir. Eu saía do paraíso às seis horas e chega aqui as sete, sete e meia. De sábado e domingo eu trabalhava, então, não tinha como”

No que diz respeito ao trabalho, oito dos entrevistados trabalharam paralelamente aos estudos, mostrando um esforço e uma disciplina muito grande. Ainda hoje, na universidade, muitos desses alunos mandam dinheiro para os seus pais, ajudando no sustento familiar. A maioria dos alunos não mora com seus pais, mas muitos deles costumam visitá-los pelo menos uma vez por mês. Muitos deles alegaram que pela necessidade de trabalhar, não têm tempo para se dedicarem de forma integral à faculdade, o que acaba por afetar suas notas e, conseqüentemente, a possibilidade de obterem bolsa de iniciação científica. Por outro lado, visto a realidade social brasileira, devido ao esforço pessoal e à vontade de estudar, o trabalho não afetou de forma negativa a vida escolar dos alunos entrevistados, sendo eles uma exceção frente à maioria dos estudantes afro-brasileiros que muitas vezes não consegue nem terminar o ensino fundamental.

Sendo assim, sem a bolsa de iniciação científica e sem espaço no mercado de trabalho, o que esses alunos podem conseguir da graduação não é muita coisa. Dessa forma, o que ficou muito presente durante as entrevistas, foi o fato de que há na Faculdade de Ciências Sociais dois tipos de seleção: a primeira seria a FUVEST e a segunda seria uma seleção acadêmica. Os alunos que precisam trabalhar obviamente possuem menos tempo para a dedicação aos estudos. Porém, para obtenção da Bolsa de Iniciação Científica o aluno deve ter uma média ponderada acima de sete pontos, como vimos anteriormente. Concomitantemente aos estudos, portanto, o aluno compete com os colegas por uma vaga. Assim, aqueles que possuem um melhor desempenho na graduação são os que têm maiores possibilidades de obtenção de Bolsa. Entretanto, dos dez alunos entrevistados, apenas quatro deles não possuem bolsa de iniciação científica, sendo que dois desses possuem Bolsa Trabalho do COSEAS. Daqueles seis que possuem Bolsa, quatro deles fazem parte do Projeto Dez vezes Dez e um deles faz seu mestrado também através do grupo, sendo, portanto, bolsistas do Departamento de Sociologia, e uma entrevistada e Bolsista do NEV, Núcleo de Estudos da Violência. Abaixo, uma fala de uma aluna, não bolsista, que expressa um pouco essa dificuldade.

“Porque eu acho que a universidade, querendo ou não, assim como no mercado de trabalho, há expectativas do que é um bom aluno. Ele olha para o cara e fala: esse não vai dar certo. E isso acontece de forma mais enfática na Ciência Política. Sabe? Há um perfil ideal de aluno. E essa coisa simbólica deve ser tratada com mais cuidado, porque é só isso. Na realidade é só isso. De você ser treinado, de ter que aprender de um jeito.”

“É o tal negócio: o que a USP espera de você? Dedicção total. Ela espera que você não tenha necessidades físicas, sabe, que você não precisa se alimentar fora. Ela espera que você tenha um aparato que você possa se manter aqui dentro para você se dedicar e seguir a sua carreira acadêmica. Se você não tem isso, você cai para o aluno cinco ou seis, que é aquele tipo de aluno que não tem perspectivas aqui dentro. Porque vamos pensar na nossa carreira: o curso de Ciências Sociais no mercado não vale nada. Ele vale nos meios intelectuais. Para você entrar nesse meio intelectual, você tem que ter uma nota, que é o meio pelo qual eles avaliam, acima de sete, no mínimo. E se você tem lá o seu trabalho, você não consegue manter essa nota porque não tem tempo para estudar. É muito difícil, né?. A gente consegue, mas você vai se dispersando muito. E não é só a nota, é você tentar uma bolsa, então, é integrar-se à Faculdade, e quando você não pode, cria-se uma segregação, dos alunos que estão na faculdade, que se aproximam dos professores, que tem contatos, que estão criando laços e que vão seguir mestrado e doutorado aqui dentro. E aqueles alunos que tem suas notas que são acima da média formal, mas que não são aceitas dentro do meio e que vão entrar e que como entraram vão sair. E eu acho muito triste isso, é muito triste. E nesse sentido também, eu me sinto meio mal, me sinto no meio desses alunos que estão de fora, de não poder me dedicar como a USP espera que eu faça. Então, sei lá, esse lance de cotas é meio complicado, se a gente for pensar, porque vai entrar uma galera e essa galera pode passar pelos mesmos problemas aqui dentro. Vai ajudar sim, no sentido de mudar a cara que tem a universidade, e eu acho que isso é fundamental, mas a segregação que pode haver é enorme, porque eles podem muito bem ser esses alunos 5 ou 6, e aí ... Mas é claro, se a gente for pensar nisso também, o cara ... pode haver um movimento dentro da universidade para mudar isso.”

O que mudou um pouco esse quadro de poucos alunos negros inseridos nos projetos de iniciação científica foi a criação do dez x dez, grupo de estudos que se empenha em montar projetos relacionados à temática racial orientado pelo professor Antônio Sérgio Guimarães. Por ter somente alunos negros como bolsistas dos projetos, esse grupo criou dentro da faculdade uma discussão que muito se assemelha à discussão das quotas, em menor intensidade. O questionamento e a crítica dos alunos brancos são de que “está difícil para todos, por que só os negros tem essa facilidade para conseguir a bolsa?”. Há, portanto, uma divisão ao se tratar do assunto entre aqueles que apóiam o grupo, que geralmente são alunos negros, e aqueles que reprovam. Dos dez alunos entrevistados, quatro deles fazem parte do grupo e tem bolsa de iniciação científica em andamento.

“Eu lembro de uma coisa que eu achei engraçada na época é um projeto que chama 10 x 10, que é direcionada para negros, e que aí sim eu ouvi comentários do tipo: meu, que absurdo que tem um projeto só para pessoas negras. Mas o discurso da pessoa que me falava era o seguinte: meu, não está fácil entrar numa bolsa aqui na Faculdade, porque é que tem um projeto só para negros. É a mesma discussão das quotas, em menor intensidade, não está fácil entrar, por que é que vai ser só para negros a facilidade? Eu acho que isso demonstrou alguma coisa para mim.

7 – Escolaridade dos pais, estímulo familiar e ingresso na universidade.

Um extenso estudo sobre as características da população na faixa etária entre 18 e 24 anos foi realizado por Sampaio, Limongi e Torres (2000) e publicado sob o título “Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro”, em *Documento de Trabalho do NUPES 1/00*, mostrando-nos que dentre os diversos fatores que influenciam no sucesso escolar, quatro se fazem mais importantes, por estarem a ele diretamente ligados: a escolaridade dos pais, a renda familiar, a ascendência étnica e a frequência a escolas privadas, sendo que esta última, quase sempre depende das duas primeiras. Em todos os grupo étnicos, a escolaridade dos pais e a renda familiar aumentam substancialmente os anos de estudo dos filhos, ou seja, quanto maior a renda e a escolaridade dos pais, maior e melhor será a escolarização dos filhos. Nesse sentido, não só os negros, mas também todos os pobres são discriminados em termos de sucesso escolar. O trabalho de Limongi, Piquet e Torres, relativos ao vestibular na USP, confirma e detalha esta relação. Especificamente falando do curso de Ciências Sociais,

podemos ver nas tabelas abaixo, o quão importante e para o sucesso escolar e para a entrada dos alunos na universidade o grau de escolaridade dos pais.

Tabela 11: Escolaridade materna e paterna dos inscritos e aprovados no curso de Ciências Sociais no Vestibular da USP de 2001.

	Primeiro grau incompleto	Primeiro grau completo	Segundo grau incompleto	Segundo Grau completo	Universitári o incompleto	Universitári o completo
Materna inscritos	30,6	6,5	5,6	19,1	8,1	30,2
Materna aprovados	17,6		5,9	8,8	8,8	58,8
Paterna Inscritos	29,1	6,1	4,6	14,9	9,0	36,3
Paterna aprovados	22,3	8,5	1,6	16,0	9,6	42,0

Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. E Manuso, W., 2002.

Tabela 12: Medias de pontos na primeira fase dos aprovados no curso de Ciências Sociais de acordo com a escolaridade materna e paterna

	Primeiro grau incompleto Media	Primeiro grau completo Media	Segundo grau incompleto Media	Segundo Grau completo Media	Universitári o incompleto Media	Universitári o completo Media
Materna inscritos	54	55	58	58	63	68
Materna aprovados	85	83	86	89	91	89
Paterna Inscritos	48	55	56	54	59	60
Paterna aprovados	85	90	85	87	85	91

Como podemos ver na Tabela 11, 58,8% dos alunos inscritos no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas possuem mães com o grau de escolaridade “universitário completo”, enquanto que 17,6% dos alunos possuem mães com o primeiro grau incompleto. Processo similar acontece com a escolaridade dos pais, nos quais 42,0% dos alunos possuem pais com ensino superior e 22,3% possuem pais com o primeiro grau incompleto. Interessante notar que os dois extremos, ou seja, “primeiro grau incompleto” e universitário completo” agrupam as maiores porcentagens de alunos, mas, quando comparamos as porcentagens dos inscritos frente aos aprovados, vemos que aqueles que

entram na faculdade são aqueles os quais possuem pais mais escolarizados. Observando também a Tabela 12, vemos que quanto maior o grau de escolaridade dos pais, maior a média de pontos dos inscritos no Vestibular. Já quanto aos aprovados, acredito que exista uma média de pontos que não depende tanto da escolaridade dos pais, uma vez que as médias são mais equilibradas. Mesmo assim, como podemos observar, os alunos com pais mais escolarizados são aqueles que possuem maiores medias.

Durante as entrevistas, a escolaridade dos pais dos alunos variou bastante, existindo desde ambos os pais com ensino superior ate ambos os pais com primeiro grau incompleto. Assim, obtive os seguintes resultados:

Tabela 13: Grau de escolaridade materna e paterna dos entrevistados

	Primeiro grau incompleto	Primeiro grau completo	Segundo grau incompleto	Segundo Grau completo	Universitário incompleto	Universitário completo
Materna	3	1	-	2	1	3
Paterna	2	2	-	-	2	4

Como podemos ver, o grau de escolaridade dos pais dos entrevistados não foge muito dos padrões dos alunos em geral da Ciências Sociais. Sendo assim, há uma maior concentração nos dois extremos “primeiro grau incompleto” e “universitário completo”. No que diz respeito à escolaridade materna, três alunos disseram que as mães haviam o primeiro grau incompleto e três possuíam o universitário completo. No que se refere aos pais, dois deles possuem pais com o primeiro grau incompleto e quatro possuem o universitário completo. Interessante notar que nenhum deles declarou possuir pais e mães com o segundo grau incompleto e pais com o segundo grau completo, mas, dado o pequeno número de entrevistas, este quadro pode decorrer de incidente amostral.

A renda familiar e outro elemento de fundamental importância na análise do ensino superior em geral. Assim, obviamente, aqueles alunos com maior renda familiares são aqueles que tiveram maior acesso ao ensino de qualidade e, conseqüentemente, formam grande parte dos concluintes do ensino superior. Deve-se enfatizar também que, dos concluintes, poucos deles são ricos, ou seja, possuem renda familiar acima de R\$ 9.000,00; no entanto, a grande maioria é branca, somando 93,3% de 11,089 concluintes.

Tabela 14: Concluintes do ensino superior, por cor e renda familiar mensal - Brasil

Renda mensal familiar	Branca	Negra	Parda	Total	
	%	%	%	N	%
Até R\$ 540,00	65,3	5,7	29	26.799	100,0
De R\$ 540,00 a R\$ 1.800,00	76,6	3,6	19,8	93.698	100,0
De R\$ 1.801,00 a R\$ 3.600,00	84,6	1,9	13,5	68.224	100,0
De R\$ 3.601,00 a R\$ 9.000,00	89,5	1,1	9,5	43.904	100,0
Mais de R\$ 9.000,00	93,3	0,7	6	11.089	100,0
Sem informação	77,7	4,6	17,6	2.132	100,0
Total				245.846	100,0

Fonte: INEP/ENC 2001

Como podemos observar na tabela acima, há uma participação crescente dos brancos dos níveis mais baixo para os níveis de renda familiar mais elevados que vai nesse caso de 65,3% a 93,3%. O oposto se verifica, quanto à distribuição percentual, pelos mesmos níveis, nos negros e pardos/mulatos para os quais o movimento é decrescente e vai de 5,7 % a 0,7% e de 29,0% a 6,0%, respectivamente, dos níveis mais baixos e mais elevados. Assim, evidentemente, há uma concentração da renda familiar mensal dos negros e pardos concluintes do ensino superior nos baixos níveis de renda familiar mensal.

Tabela 15 - Concluintes do ensino superior, por grupos de cor, e renda familiar mensal Brasil

Renda familiar	Branca		Negra		Parda		Total
	N	%	N	%	N	%	N
Até R\$ 540,00	16.832	8,8	1.467	22,5	7.459	19	26.799
De R\$ 541,00 a R\$ 1.800,00	69.513	36,5	3.249	49,9	18.015	46	93.698
De R\$ 1.801,00 a R\$ 3.600,00	55.553	29,2	1.222	18,8	8.863	22,6	68.224
De R\$ 3.601,00 a R\$ 9.000,00	37.564	19,7	442	6,8	3.967	10,1	43.904
Acima de R\$ 9.000,00	9.867	5,1	74	1,1	636	1,6	11.089
Sem informação	771	0,4	46	0,7	175	0,4	2.132
Total	190.100	100,0	6.500	100,0	39.115	100,0	24.5846

Fonte: INEP/ENC 2001

Juntando as rendas familiares até R\$ 540,00 e até R\$ 1.800,00, obtemos 45,3% de brancos, 72,4% de negros e 65,0% são pardos. Ou seja, mais da metade de negros e pardos concentram-se nessa faixa de renda, considerada baixa. Há também grande concentração de

brancos nessa faixa, mas eles não constituem nem a metade. Entretanto, ao olharmos as faixas de renda mais elevadas, por mais que a porcentagem de brancos sejam pequenas, ao compará-las a porcentagem de negros, vemos que a desigualdade é gritante: 5,1% de brancos, 1,1% de negros e 1,6% de pardos.

Dos dez entrevistados, dois deles não quiseram informar-me a respeito da renda mensal familiar. A renda mais alta obtida foi de R\$ 5.000,00 a R\$ 6.000,00 e a mais baixa, informada por três alunos, R\$ 600,00 a R\$ 700,00. Além disso, houve uma renda de R\$ 3.000,00, uma de R\$1.000,00, uma de R\$ 1.200,00 e uma de R\$ 1.600,00. Com exceção do aluno que informou que a renda mensal era R\$ 5.000,00, todos os outros alunos seguiram o padrão mostrado na tabela anterior, e se agruparam numa faixa de renda razoavelmente baixa, até R\$ 1.800,00, em que 72,4% de negros e 65,0% de pardos que concluíram o ensino superior se concentram, em oposição a 45,3% de brancos. Sendo assim, não há nos alunos negros do curso de Ciências Sociais, portanto, uma diferença tão grande frente aos alunos negros no ensino superior em geral.

Entretanto, esses fatores descritos acima estão diretamente relacionados envolvem também a questão do ambiente familiar, da organização da família, onde se dá uma parcela fundamental da socialização das crianças. Isso se explica porque o nível de escolarização é uma parte importantíssima do que se costuma denominar de “capital cultural”, que, por sua vez depende não somente da escola e da renda, mas do ambiente familiar, pois é cumulativo de uma geração à outra. O que quero dizer com isso é que nas famílias de maior renda e com pais mais escolarizados, o estímulo e uma maior exigência com relação aos estudos facilitam a aquisição das habilidades e competências fundamentais à cultura escolar, ou seja, a abundância de material de escrita, desenho e leitura incorporados ao lazer infantil, seleção de programas educativos na televisão, a prática da argumentação racional, a utilização de uma linguagem culta, a imposição de uma disciplina de estudo, etc, contribuem à cultura escolar da criança. Além disso, é fundamental a exigência de expectativas de bom desempenho e a valorização do sucesso escolar (Durham, 2003). Quando isso não acontece, muitas vezes a família passa a ser exemplo do que eles não querem ser na vida. Assim, os estudos passam a ter o sentido de uma “fuga”, ou um modo de compensação. Ambos os casos foram relatados durante as entrevistas. Cinco dos alunos entrevistados afirmaram obter dentro de casa estímulo e cobrança no que diz respeito aos estudos e disseram ainda ter sido muito importante a presença dos pais.

“O papel deles foi essencial. Minha mãe e meu pai trabalhando com educação, imagina como é que era!!! Eu chegava em casa, fazia lição, sempre incentivando a leitura, dando toques de como estudar melhor, eles foram bem importantes.”

“Então minha mãe sempre botou horários. Eu fazia muitas atividades, fazia natação, fazia caratê, fazia isso e aquilo na escola, então eu passava boa parte do meu dia na escola, mas em casa minha mãe botava sim, na época do *video-game*, eu era louco por *video-games*, ela me mandava estudar primeiro, final de semana era regulado. Mas eu sempre gostei de estudar assim, nunca foi um peso.”

“Seus pais, segundo ele, sempre foram muito importantes em sua trajetória escolar, nunca pediram que ele trabalhasse e sempre proveram um ambiente favorável ao seu desenvolvimento escolar”.

Os outros cinco afirmaram ver nos estudos uma saída para aquilo que viam em casa. Houve casos ainda de desestímulo, nos quais os pais achavam que fazer ensino superior não era um objetivo a ser alcançado, “mais do que estava reservado para eles”, “é uma coisa fora do contexto, porque, na verdade, nunca ninguém fez faculdade”, ou, até mesmo, casos em que os pais não sabiam o que era universidade. Mas a educação, em todos os casos, sempre esteve diretamente ligada à idéia de ascensão social, ou da probabilidade de obter melhores empregos.

“ a universidade não era tida como uma coisa comum, um caminho final, a coroação de uma trajetória escolar. Meus pais tinham uma idéia da educação ligada à questão social, ou de educação ligada à idéia de ascensão social, ou a educação era tida como algo que salva as pessoas, como a religião”.

“Não, não tinha, de jeito nenhum. Eu tinha estímulo sim quando eu estava no primário e minha mãe falava vai para escola. Mas, assim, nunca tive problemas de ir para a escola. A não ser na primeira série, que e a primeira vez que você vai. Assim no fundamental meu pai não queria que eu estudasse... eu não sei porque, mas eu não tinha um estímulo de uma pessoa falando para mim: vai para a escola. Eu gostava de estudar, queria estudar, minha mãe não se opôs, e meu pai que achava que não precisava, né. Então nessa parte eu não tive

estimulo, no fundamental. E, no ensino médio, eu já tinha mais interesse mesmo, já era mais decidido: vou estudar, vou dar continuidade. Eu estudava também porque não tinha muita coisa para fazer, eu trabalhava e estudava, não tinha mais opções. A vivência que eu tinha na minha casa, das pessoas que não estudavam, da situação da minha mãe, do meu pai... estudar para mim era quase um refugio disso. Eu não queria ser aquilo, eu não queria estar ali... isso eu vim postular quando estava no ensino médio, na sexta, na sétima, eu não sei te dizer o que me fazia morar longe da escola, porque eu morava longe de lá, mas mesmo assim queria ir”.

Quando falamos de crianças pobres, e a maioria das crianças pobres é negra, vemos que tais fatores não estão presentes e se apresentam de forma negativa para essa parcela da população, nas quais os pais nem mesmo completaram o ensino médio. Pode-se supor, portanto, que pelo menos uma parte do baixo desempenho escolar dessa população se explique pelo pertencimento e concentração nas camadas mais pobres e nas regiões menos desenvolvidas do país. Mas essa suposição, da diferença de classe, não explica tudo, pois estes fatores, pela população negra, são ainda acrescidos do peso do preconceito. Precisamos considerar também a variável cor.

Considerando todas as idades, na média brasileira, os alunos negros possuem cerca de dois anos a menos de escolarização do que os brancos, assim como estes possuem dois anos a menos do que os amarelos, como pudemos ver nas Tabelas 1 e 2. Tais dados nos mostram como a etnicidade influi na educação. Essa influência se traduz em termos de tradições culturais das famílias que podem tanto aumentar como diminuir o índice de escolaridade. Porém, ao se comparar as taxas de escolarização de negros e de brancos que pertencem à mesma faixa de renda e de escolarização dos pais, a diferença diminui, mas não desaparece, pois há ainda uma diferença média de um ano a mais de escolarização para os brancos (Limongi, F. T. e Sampaio, 2000). É aqui, portanto, que se manifesta o peso do preconceito e da discriminação contra as crianças negras, sendo que o problema se encontra na relação escola-família e no ambiente social.

As áreas em que a discriminação atua de forma mais marcante, influenciando decisivamente no ciclo de acumulação de desvantagens, que envolvem pobreza, exclusão e escolarização insuficiente são: o mercado de trabalho, as relações sociais informais e o preconceito nas escolas, que é particularmente mais grave quando atua nas séries iniciais,

onde as crianças ainda não desenvolveram mecanismos de defesa contra a projeção de identidades negativas e de um ideal branco por parte dos que se consideram brancos, pois, saindo pela primeira vez do ambiente familiar, no qual as crianças estão restritas à família, à vizinhança mais próxima em que a homogeneidade de “cor” é relativamente maior e onde estão “protegidas” pelas relações interpessoais mais íntimas, encontram o preconceito pela primeira vez. Neste sentido, a saída do âmbito familiar e a entrada na escola, onde os grupos são mais heterogêneos, significa para estas crianças, a entrada num grupo multi-étnico, no qual o preconceito aparece mais freqüentemente e com mais força.

No que diz respeito aos professores, estudos realizados indicam que na maioria dos casos está despreparado para lidar com o preconceito na escola, existem dois mecanismos operantes: o primeiro é o pressuposto do fracasso e da indisciplina e o segundo é uma tendência a culpar os alunos afro-descendentes pelo desempenho insatisfatório, caracterizado pela omissão da atenção e do estímulo afetivo dos quais uma criança em formação necessita⁵. Podemos ver que isso acontece através de algumas falas durante a entrevista:

“Para este aluno, a escola foi um local muito complicado, porque foi o lugar onde ele sentiu pela primeira vez o preconceito racial e onde ele viu que a questão de ser negro aparece como negativa. Para isso, o aluno dá como exemplo uma professora na pré-escola que o chamou, juntamente com outro aluno negro, colocando-os na frente da sala para mostrar que mesmo ambos sendo negro, ele conseguia ir limpo para a escola e outro aluno não, como quem diz, “até um negro consegue ser limpo”. Ele diz ainda que havia, na sala de aula, uma preferência por parte da professora, a alguns alunos, sendo um deles japonês. Segundo ele, ela privilegiava a capacidade de aprendizagem.”

“Em Mogi, no bairro que eu moro, é um bairro meio de periferia, um pouco mais afastado. Por ser um bairro de uma classe média mais baixa, tinha um número elevado de negros, e dentro do bairro mesmo, não tinha muito essa coisa de preconceito, até mesmo pelo fato de ter bastante negros. Minha mãe, quando abriu a loja, era a única comerciante do bairro. Já na escola, é outro ponto. Eu e minhas irmãs sempre fomos os únicos negros da escola, só quando

⁵ Para maiores informações sobre o tema ver Lopes, Ana Lucia. *Ampliando o olhar: um estudo sobre a construção da identidade da criança negra- mestiça frente a experiência escolar*. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.

chegou no colegial é que tinham mais... se tinham seis negros numa escola de quinhentos, já era muito.”

“Hoje assim com a minha sobrinha, há casos de que a professora a chamou de negrinha, sabe? Tinha que ser negrinha, sabe? E ela traz isso também para casa, tanto que no caso dela, ela criou uma barreira e se vê como menina negra e discriminada e tudo que ela quer é ter um cabelo liso, sabe? Tanto que hoje ela tem 14 anos, mas antes, uns 3 anos atrás, a brincadeira dela era colocar um pano na cabeça para fingir um cabelo liso e se sentir melhor”.

Quando estes mecanismos somam-se à exclusão por parte dos colegas, há uma rejeição da criança por parte da escola e de tudo que esta representa, tornando a suposição do fracasso escolar por parte dos alunos negros uma profecia que se autocumpre e que acaba por fortalecer o círculo de dificuldades crescentes, que leva, diversas vezes, ao abandono da escola e, conseqüentemente, à reprodução da desigualdade educacional e, conseqüentemente, social.

No que diz respeito à trajetória escolar dos alunos, vê-se que o preconceito não é explícito e tem neles duas conseqüências paradoxais. O fato de haver um tratamento diferenciado com os alunos negros pode, por um lado, agir negativamente sobre a auto-estima levando, na maioria dos casos, com que os alunos desistam de estudar, o que podemos observar com muitos dos parentes dos alunos entrevistados. Por outro lado, e isso configura quase a totalidade dos entrevistados, a expectativa de um mau desempenho escolar por parte dos professores, os estimula, havendo assim uma necessidade de compensar nos estudos as desvantagens e discriminações pelas quais os alunos passam. E importante dizer aqui que a família também influi fortemente na forma como os alunos irão lidar com o preconceito. Assim, aqueles alunos que obtêm em casa informações e sugestões dos pais em como agir, são os que têm maior facilidade para lidar com a discriminação.

“Ah, eu era proibido de entrar na casa de coleguinhas para fazer trabalho.... Me lembrei agora, mas eu não lembrava, de uma vez estar numa padaria e o dono começou a me ofender e insinuar que eu ia pegar alguma coisa. Eu voltei para casa chorando porque ele tinha insinuado que eu ia roubar e a minha irmã foi lá e fez um escarcéu. Mas eu não lembrava disso, não lembrava.... se eu não for entrar na casa das pessoas pela minha cor, eu vou entrar pelo meu conhecimento, pelo que eu sei. Mas nada muito consciente”

“Eu era um bom aluno. Aliás, os meus pais, uma coisa que eles falavam era essa coisa de... por você ser negro, você tem que ser sempre o melhor. O Uyrá me contou uma coisa com o pai dele que, quando ele começou a estudar o pai dele deu uma caneta para ele, ao invés de um lápis. Por que a caneta? Porque você não pode errar. Eu lembro disso, meu pai falava para mim, você tem que ser o melhor. O espaço para o negro é menor, então você tem que se sobressair. E eu buscava isso na escola. Então eu era um bom aluno, eu fazia parte do grupinho que sentava na frente, tinha uma boa imagem frente aos professores, pelo menos era isso que eles falavam nas reuniões”

Nem todos os entrevistados afirmaram haver discriminações diretas na escola, mas disseram haver preconceito na própria linguagem utilizada. Assim, muitos disseram haver um preconceito introjetado.

“No princípio, isso pode não demonstrar racismo, mas o modo como isso é colocado.... Ah, eu era proibido de entrar na casa de coleguinhas para fazer trabalho....”

“Ah, as mais triviais que aconteciam, por exemplo, nas festas juninas eu sempre sobrava para dançar com alguém, os amigos faziam piadinhas, mas na hora você aceita e depois você pensa é na verdade...e eu, aquela questão, mesmo na questão dos namoricos, eu era de menos. Mas as meninas tinham um estereótipo de garotos, né, aquela coisa de abrir a capricho (revista). Se você abrir a capricho, não tem nenhum negro, pelo menos é muito difícil. Então são coisas que vão criando.. mas são coisas da sociedade mesmo. Aquela coisa, eu não fazia parte desse estereótipo. São coisas mínimas que você percebe nas entrelinhas, mas nada muito chocante.”

“Fora da escola sim, era direto, mas dentro da escola era implícito, não era muito exposto. Na verdade, na escola, o único momento que eu sabia que não ia ser diferente era no futebol, porque ali não tinha pra ninguém!... Essa é a grande questão, é de tal forma sutil e sofisticado, que não há percepção grosseira que veja”

O tema racismo na escola foi muito discutido nas reuniões do NUPES, tendo como base o trabalho de Virgínia Bicudo intitulado “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em

relação com a cor de seus colegas”, no qual, através de entrevistas tanto com os alunos, como com seus pais, a autora destaca como o racismo está presente nas escolas, racismo este que se dá tanto entre os alunos, como entre os professores. Na sua forma mais agressiva, o preconceito aparece através da manifestação de estereótipos que atribuem ao aluno negro características tais como vagabundo, bagunceiro, sem educação, etc. Além disso, o que vi nas entrevistas, foi o xingamento de macaco e cabelo duro, muito freqüente nos depoimentos colhidos.

“E... tinham piadas racistas, de crianças xingando, falando de cabelo, do aspecto físico, né? Macaco, carvão, cabelo de bombril, essas coisas assim, ele e nego do cabelo duro... E os professores, também, um ou outro que explicitavam o racismo, fazendo piadas racistas basicamente.”

“Na escola, eu não sei se tinha muita coisa. Era mais brincadeira do tipo, sei lá, cabelo armado...”

Na sua forma mais sutil, aparece através de mecanismos de exclusão de grupos de sociabilidade formado no ambiente escolar pelas crianças brancas.

“Ah, as mais triviais que aconteciam, por exemplo, nas festas juninas eu sempre sobrava para dançar com alguém.”

Na verdade, na escola, o único momento que eu sabia que não ia ser diferente era no futebol... Ah, eu era proibido de entrar na casa de coleguinhas para fazer trabalho”.

As formas através das quais o preconceito se manifestava durante a infância e a adolescência segue um padrão para todas as crianças negras. Entretanto, a reação aos atos de discriminação se dá de diferentes formas entre eles. Assim, alguns alunos ficam chateados, mas não se expressam, enquanto outros partem para o ataque. Essa reação depende muitas vezes de seus ambientes familiares e das informações provenientes de conversas a respeito do fato de pertencerem a um grupo étnico racial tidas em casa. Vemos, a seguir, as falas de três alunos, seguidas de como o assunto era tratado dentro de casa:

“Ah, eu ficava chateada, mas eu não podia fazer muita coisa, porque eu não tinha um discurso racial para falar, olha o que você está fazendo. Acho que também tem a autoridade do professor. Então, no que se refere as crianças, eu

ficava chateada, podia até... eu não era de brigar, porque eu conheci pessoas que brigavam, queriam bater, até mesmo por reação, mas eu ficava chateada, chorava, ficava isolada. Na segunda parte, quando eu já tinha uns 15 anos, eu ouvia e também ficava chateada. Com essa idade, uma vez ou outra, eu já falava alguma coisa, mas eu não tinha nenhum discurso formulado para contra-argumentar as coisas que eles estavam falando. E isso”

“Comigo, mais comigo, que eu saiba. Eu retrucava, ficava puto, ou ia para as vias de fato. As únicas vezes que eu briguei na escola foram por causa disso..... Quase todo almoço, quase toda hora a gente discute. Quando a gente está vendo TV a gente fala: olha lá, empregada de novo. O meu pai falava de maneira bem clara como funcionava a sociedade. Me contava sempre o que acontecia com ele, o que poderia acontecer comigo se eu não tomasse cuidado, ele sempre me aconselhou a eu não andar sozinho a noite na rua, principalmente agora que eu estou com esse cabelo grande, acho que é um pouco perigoso de “tomar geral”, apesar de eu nunca ter tomado, graças a Deus. E assim, sempre na minha família a gente discute, pois a minha irmã estuda os escravos no Brasil, meu pai foi militante, meu pai e minha mãe estudam essa questão de cotas....”

“Eu sempre fui de ir lá e tomar satisfação, tanto pra mim quanto para os outros. Mas, e isso, que eu lembre. Mas, eu sempre penso muito nessa influencia do jeito do meu pai encarar essas coisas. Ele tem historias de coisas feias que aconteceram na escola, de humilhação mesmo, professor ...”

As reações descritas nessas três falas levantaram em mim uma hipótese: a de que nas famílias em que o tema é discutido e as crianças são providas de informação a respeito do preconceito, a tendência é que a criança se defenda. Naquelas em que não há nenhuma conversa a respeito do assunto, as crianças tendem a guardar os sentimentos para si próprias, o que pode causar, posteriormente, uma série de problemas psicológicos. Alguns exemplos dessas conseqüências se refletem no desejo de algumas crianças em serem brancas. Os problemas mais freqüentes são em relação ao cabelo e aos olhos.

“Nossa, meu cabelo é uma das coisas que eu mais... nossa, com certeza, com certeza. Desde criança. Primeiro, porque o que era necessário para eu ir para a

escola... eu entrava as onze, a minha mãe tinha que me acordar às seis, porque ela entrava às sete, para me pentear e fazer uma trança, porque senão, como é que eu ia para a escola com o cabelo ‘pichaim’ solto, não dava. Então eu tinha que acordar cedo, pentear, tudo aquilo era muito cansativo para uma criança. Acordar, pentear e deitar. Então, nossa, eu queria ter um cabelo melhor, que eu pudesse usar solto. Eu tive tentativas de querer soltar, mas foram frustrantes, eu fiquei muito mal. Teve um dia que eu fui para a escola com o cabelo solto, toda feliz, eu molhei, né? Aquela coisa de cabelo enrolado, super volumoso, passar creme Foi passando o tempo, o cabelo vai secando e vai armando, vai armando, aí teve um menininho que chegou e falou: Fernanda, eu acho que você fica melhor de cabelo preso. E aquilo foi o fim do mundo para mim. Nossa, eu queria tanto poder usar ele solto. E com certeza se eu tivesse o cabelo liso...”

“Hoje assim com a minha sobrinha, há casos de que a professora a chamou de negrinha, sabe? Tinha que ser negrinha, sabe? E ela traz isso também para casa, tanto que no caso dela, ela criou uma barreira e se vê como menina negra e discriminada e tudo que ela quer é ter um cabelo liso, sabe? Tanto que hoje ela tem 14 anos, mas antes, uns 3 anos atrás, a brincadeira dela era colocar um pano na cabeça para fingir um cabelo liso e se sentir melhor.”

“Mas, uma vez meu irmão estava na escola e tinha um menininho que estudava com ele. Daí, ele chegou em casa e falou: Ai mãe, eu queria ter o cabelo igual ao do César. Ai minha mãe falou: porque isso? Porque esse César, um amiguinho dele, tem o cabelo liso, liso e loirinho. Ai minha mãe perguntou por que. E ele respondeu: porque o César toma banho e o cabelinho dele molha, fica escuro, e depois muda de cor quando seca e a tia Rita fala pra ele: Nossa César, que legal o seu cabelo”.

Tais manifestações atuam diretamente na criação de sentimentos de rejeição que podem ocasionar nas crianças negras isolamento social forçado ou auto-imposto, agressividade, timidez e baixo estima, sentimentos esses que influem, por sua vez, no sucesso escolar, como pude confirmar ao ver que, os alunos entrevistados não têm quase nenhum parente que tenha conseguido vencer esta etapa e chegar ao ensino superior, mostrando que

isso depende, na maioria dos casos, não só do estímulo familiar, mas da vontade própria do aluno, como vimos anteriormente.

“Eu percebo essa mudança, porque até então a nossa família era a minha mãe, doméstica, o meu pai, aposentado como cobrador de ônibus, minha tia, trabalha numa loja de alimentos. Então não havia, se você for pensar na família, não havia muito caminho. E eu me sinto super feliz, pelo menos por iniciar esse processo”.

A cultura familiar também é muito influente no que diz respeito ao sucesso escolar, pois é nesse âmbito em que se encontram as fontes de estímulo e a imposição de uma disciplina aos estudos. A solidariedade do grupo de parentesco, assim como uma família bem estruturada, são importantes, pois há uma supervisão e organização por parte dos adultos das atividades feitas pelas crianças. Um exemplo da falta disso se mostra quando, na ausência de um provedor por parte do pai ou um substituto, ou da necessidade da mãe trabalhar para o sustento da família, as crianças se encontram sozinhas, entregues aos seus próprios recursos, ou até mesmo, quando são obrigadas a trabalhar muito cedo, integrando-se na economia informal legal ou ilegal, para ajudar no sustento da casa.

“Essa parte do fundamental e médio, eu trabalhei então, esse período era trabalhando e estudando. Brinquei muito pouco, não tinha muitas amizades na escola, porque eu não tinha tempo mesmo. Chegava na hora da aula, ou um pouco atrasada, às vezes tinha que sair mais cedo, pra continuar a trabalhar, então, não tinha muita amizade.”

“Na época em que tinha 12 anos foi um período em que sua família entrou em crise financeira e ele teve então que começar a trabalhar na feira. Alguns anos passados, seu pai também começou a trabalhar na feira”.

“Comecei a trabalhar a partir do segundo ano do ensino médio. Foi entregando panfleto na rua, nos faróis, e ganhando a grana pra comprar o sapato no fim do mês. Depois eu fui para o Mac Donalds, que com registro foi o meu primeiro emprego”.

Ainda hoje, na universidade, muitos desses alunos mandam dinheiro para os seus pais, ajudando no sustento familiar. A maioria dos alunos não mora com seus pais, mas muitos deles costumam visitá-los pelo menos uma vez por mês.

“Mas, eu preciso trabalhar, porque hoje, na minha família, a única pessoa que tem um dinheiro fixo sou eu. Se acontece alguma coisa, eu e que arco com as conseqüências.”

Como vimos, a cultura familiar e o estímulo dos pais é um elemento muito fundamental para que os estudos se estendam. Sendo assim, com a baixa escolaridade dos pais e o reconhecimento dos estudos apenas como forma de ascensão social, muitos dos alunos obtiveram estímulo para os estudos fora de casa, a partir de conhecidos, padrinhos, colegas do cursinho, do trabalho, etc. Isso ficou muito presente nas entrevistas.

“Diz então, que uma pessoa a qual ele atribui seu sucesso, foi um senhor que o estimulou a trabalhar mesmo, a mudar. Segundo ele, “um maluco, um cara da História maluco, socialista” e que conversou com ele, inspirando-o. Desde então, ele começou a trabalhar de manhã e estudar a tarde durante o colégio, e, durante o cursinho, estudava a noite. Vanderson afirma que havia estímulo dentro de casa para estudar e emendou a fala com alguns relatos sobre o seu pai. Este, ao entrar na CMTC, tinha escolaridade é até a sexta série. Durante o tempo em que trabalhou lá, houve oportunidade de ascensão dentro da empresa, e o pai, que fazia parte do sindicato, voltou a estudar. Terminou o colegial e chegou a fazer seis meses de faculdade, interrompida pela privatização da empresa e o conseqüente desemprego, pois o sentido de fazer a Faculdade estava muito vinculada não somente ao emprego, mas ao sindicato. Desistiu, assim, da faculdade e comprou uma casa, pois fora do sindicato, os estudos não tinham sentido. Além desse exemplo e estímulo do pai, sua mãe terminou o segundo há seis meses, tendo antes a escolaridade de até a quarta série. Apesar disso, a idéia de fazer universidade apareceu fora desse convívio e partiu do próprio aluno. Existe nos pai um orgulho, mas, segundo o aluno, “é uma coisa fora do contexto, porque, na verdade, nunca ninguém fez faculdade”.

“Dai eu me formei eu precisava fazer um estagio, e tinha uma pessoa que fez teatro com meu pai, e ele foi muito amigo do meu pai, casou com a irmã da minha mãe e se separaram. E assim, minha mãe fez psicologia e esse cara veio assistir a uma aula, largou tudo o que estava fazendo e foi fazer psicologia também. No fim, ele se deu super bem na área, veio para São Paulo, começou a clinicar, montou uma revista de psicologia, cresceu. E depois fundou a Revista CULT, até que uns dois anos ele vendeu, pois estava querendo sossego e foi embora para Ouro Preto. Mas, ele tinha uma editora na época, final de 98. E então, eu vim ate ele, porque pensei: bom, se eu tiver que fazer um estagio, faço na editora. Para eu não perder os dois anos de curso. Ele era meu padrinho, mas nos ficávamos um pouco distantes, porque o meu contato com ele era mais de levar o meu primo nas férias para ele ver quando ele tinha uns dez, onze anos, depois que ele se separou da minha tia. Dai ele cresceu, mas ,uma vez ou outra, eu vinha para São Paulo passar as minhas ferias com ele e meu primo. Então, era muito esporádico, eu via ele muito de vez em quando. Ai ele falou: Mas você quer fazer estagio em que área? E eu falei: Tenho que fazer em... E ele: O que você quer fazer, com o que você quer trabalhar? Eu estava completamente perdida. Eu tinha 18 anos, tinha acabado de me formar em técnica de processamento de dados, detestava aquilo, só queria regularizar a minha situação e ter o meu estágio. Aí ele falou: vamos fazer o seguinte: você vai escolher um cursinho. Tem algum legal em Jacareí? Se não tiver, você vem para cá, fica aqui com a gente por um ano e eu te banco. Você vai comer, dormir e estudar. Porque ele sabia que eu não teria como pagar. E eu falei: legal! Voltei para Jacareí, minha mãe estava pensando que eu vinha para São Paulo fazer o estágio, aí eu falei pra ela e ela falou: nossa, muito melhor do que você esperava, heim?”

“Talvez, pode ser que sim, os padrões da minha mãe tenham sido pessoas que eu admirasse, no sentido de que eles tinham muita grana, moravam num bairro muito bom, e ajudavam Instituições, inclusive a minha, me dando suporte, me dando coisas que eu precisava. Então meu primeiro computador foram eles que deram, meu primeiro relógio, meu primeiro brinquedo computadorzinho também. Então eles me davam... assim, são pessoas bem sucedidas que eu admiro para caramba e que eu acho legal seguir o mesmo caminho. Mas eu não

posso dizer que isso influenciou a minha escolha da faculdade.... meus pais foram sempre muito distanciados, entendeu? Me colocaram na escola sabendo que eu teria que cumprir com aquele período, da 1ª a 8ª, da 8ª ao 3º, enfim.... Eu também não tinha, eu achava que eu não ia entrar numa universidade pública. Mas, eu era estagiária numa escola muito pequena. E lá eu fui criando raízes e ficando muito perto dos donos. Ele era um estudante da PUC, de direito, o Daniel, e o Rogério, que era estudante de direito da UNIP, formado em engenharia já. E o Daniel, em especial, achava e falava: meu, você tem que fazer uma faculdade, vai, você tem que ir. E eu nem aí, sabe? Mas como ele ficou enchendo o meu saco, ele ficou insistindo mesmo, sabe, quando a pessoa fala: Fernanda, você é assim, vê se você se olha. Aí ele chegou no carro dele com uma gama de apostilas do Anglo e falou vai estudar. E acho que foi isso que me incentivou a prosseguir, porque na minha família não tinha ninguém formado. Aliás, a minha irmã só começou a estudar depois que eu entrei na faculdade”.

“Eu trabalhava numa casa, desde os 15 anos de idade, quando eu entrei no ensino médio, e lá sim, as pessoas sabiam que eu gostava de estudar. Eles falavam: Ah, Flávia, você é estudiosa, você gosta de estudar. Isso eu não ouvia em casa, eu só ouvia: ah, essa menina esta com a cara nos livros. Tinham os estudos mais negativamente, não positivamente. E aí eu trabalhava lá, com dezoito anos, eles vieram aqui para São Paulo, em 1999 ou 98, e eu vim junto. Eu já tinha terminado o ensino médio, e prestei o vestibular. E aí eu tive o estímulo de uma pessoa, o genro da minha patroa, que falava: por que você não presta o vestibular pra USP? Aí eu prestei a primeira vez, fui para a segunda fase, não passei. Aí eu prestei de novo e passei.”

O artigo de Eunice Durham mostra que as áreas sociais na qual essa barreira de cor foi rompida pela população negra e onde conseguiram atingir sucesso e fama são o esporte e a música popular (tomados aqui como exemplos mais visíveis), nas quais a competência não se dá na escola, mas fora dela, constatando assim que o caráter excludente da escola brasileira é gritante. São nessas áreas que os ídolos dessas crianças se concentram, assim como suas esperanças de sucesso. Assim, é importante que elas tenham como ídolos, não só os jogadores de futebol, ou os músicos, mas também negros que obtenham sucesso em outras áreas, para

que elas tenham como ideal, para construção de imagens e modelos positivos, cientistas e intelectuais negros que injetem nessas crianças outras fontes de sucesso que não os citados anteriormente. Além disso, a imagem passada pela mídia do ideal de beleza influi fortemente na formação da personalidade da criança e na opinião que ela tem a respeito dos negros. Assim, podemos ter como exemplo a sobrinha de uma entrevistada, que queria colocar um pano na cabeça para fingir um cabelo liso.

“Eu acho que é horrível, totalmente ultrapassada. É sempre a empregada doméstica, ou porteiro. Entra e sai novela, eles pegam uma negra super bonita e colocam como empregada. Aí você vai ver a empregada é mais bonita do que aquela que tem o papel principal. Eu acho que é um absurdo. Eu defendo uma idéia que é assim: você pega um sueco, um dinamarquês, um alemão para vir para o Brasil, você dá algo para ele dormir e não fala que ele está vindo para o Brasil. Você põe ele num quarto, liga a TV, dá uma revista para ele ler, do tipo Nova, Caras, Capricho, essas revistas assim, faz ele vê a tv e ler a revista durante umas oito horas que ele vai achar que está na Suécia ainda, porque o padrão de beleza no Brasil é loiro, olhos azuis, totalmente caucasiano. Daí ele vai para a rua e é aquela coisa: que país é esse? E isso influi muito na cabeça de uma criança negra. Ela não se vê identificada num programa infantil, como o da Xuxa, só se vê representado como o empregado ou como o bandido, jogador de futebol, no máximo pagodeiro”

“Falou ser da “geração Xuxa” e de ter muitos problemas de auto-estima, pois, como a maioria das crianças, queria ser paqueta, mas não se via representada no grupo. Apontou também para o processo de embraquecimento, pois todas as integrantes do grupo passavam uma imagem de ideal a ser seguido e eram todas loiras, de cabelo liso olhos azuis”.

Outra dificuldade muito relatada durante as entrevistas foi no período inicial da adolescência, período no qual os alunos começam a paquerar, na época “das festinhas e dos bailinhos”. Essa dificuldade e, muitas vezes, decorrente de um ideal de beleza transmitido pela mídia, que, nessa fase, exerce uma grande influencia no comportamento dos adolescentes. Além disso, e nessa fase que os relacionamentos começam a ser mais íntimos e individuais. Com isso, o preconceito se torna mais visível para os indivíduos negros. Por outro lado, os relacionamentos tornam-se mais freqüentes na universidade, sendo que alguns

casos, alunos começaram a namorar somente depois de ingressarem na Faculdade, local e fase na qual a mídia e as opiniões exteriores não exercem tanta influencia.

“Mas as meninas tinham um estereotipo de garotos, né, aquela coisa de abrir a capricho (revista). Se você abrir a capricho, não tem nenhum negro, pelo menos é muito difícil. Então são coisas que vão criando.. mas são coisas da sociedade mesmo. Aquela coisa, eu não fazia parte desse estereotipo. São coisas mínimas que você percebe nas entrelinhas, mas nada muito chocante.”

“Mas é uma tensão que está sempre permeando o espaço, não tem jeito. Isso vai ficando mais latente quando você começa a ter uma relação mais próxima com os outros alunos, na paquera, essa coisa toda”.

“- Voltando só um pouquinho, como foi na época das paqueras, dos bailinhos.? - Ah, não foi normal. - Por que? - Ah, não sei, não sei. Acho que nesse sentido existe sim... as meninas que vão preferir os caras que fazem mais aquele modelo de modelo, sabe? E, como existe também da parte dos meninos. Eu conheço rapazes que falam: eu não gosto de meninas negras. Eu não vou xavecar meninas negras. Então, sei lá, no começo, esse tipo de.... Quando você começa a perceber essa coisa, e uma coisa que faz você se retrair. Mas, sei lá, depois, pelo menos comigo, eu sou muito desencanado. Acho que você acabou de pegar um preconceito.... Acabamos de desmascarar um preconceito que estava mascarado. E, realmente isso existe sim, mas e muito escondido. E difícil você perceber, por mais que você chegue para perguntar para cada menina qual e o tipo de garotos que elas preferem, vão ser poucos os que vão dizer claramente com sinceridade, porque ate mesmo uma pesquisa sociológica não pode abarcar isso, vão dizer com sinceridade não gosto de caras brancos. Isso existe, mas e difícil.”

“E difícil, porque todas as meninas falam a mesma coisa. As meninas negras sempre tiveram dificuldade para arrumar namorados tanto do lado dos brancos, quanto do lado dos negros. Eu, por exemplo nunca tive namorado na escola. Até o ensino médio, eu nunca tive namorado da escola, porque nunca ninguém se prontificou a me namorar. E eu também fiquei na minha. Mas e aquela coisa do lugar, nunca quis ficar com nenhum menino da escola porque eu achava que

nenhum deles queria ficar comigo. Meus namorados sempre foram de onde eu morei, e só na Faculdade e que eu vim namorar pessoas de dentro da faculdade.”.

“muito embora soubesse que as pessoas são tratadas diferentemente devido sua cor, isso não afetou minha auto-estima. Talvez outras coisas tenham interferido de forma mais decisiva, mas não a questão racial. Mas eu sempre tive a consciência de que talvez muitas meninas não se interessassem por mim pelo fato de eu ser negro. Isso desde criança, mas eu não me senti inferior, curiosamente. Sinceramente, eu não sei por que, porque o normal é o contrário. Na 7ª e 8ª série, você começa a perceber, mas eu nunca fui muito de ir em festas e tal... Mas, eu sempre percebi, sempre achei que as meninas não se interessariam por mim.

Conquanto houvesse esta dificuldade de aceitação durante a época inicial da paquera, nessa outra fase da vida, na universidade, muitos dos alunos entrevistados mantiveram relacionamentos com pessoas brancas, e, ainda, alguns deles afirmaram ter se relacionado apenas com pessoas brancas. Esses relacionamentos muitas vezes proporcionaram novas formas de preconceito, tanto de brancos com relação a negros, como de negros com relação a brancos, como uma forma de “preconceito às avessas”.

“Meu primeiro namorado era branco, e por questões raciais eu não fiquei com ele, porque o pai dele era racista e não queria que ele namorasse uma menina negra. Ele nem me atendia no telefone... foi chocante. Porque ele me disse que queria me levar na casa dele, mas que ele não me levaria porque o pai dele não gostava de mim... o pai dele era racista e tinha também o problema de classe social. Na época que eu namorava ele, ainda era empregada domestica. Então, juntavam todas as coisas. Mas, ele perguntou como eu era: Ah, como a sua namorada e? E ele falou que eu era negra. E o pai dele e descendente de lituanos. Então ele falou: ah, você vai namorar uma menina preta, pobre. E ele nem nunca tinha me visto, fez uma imagem do que eu era... Eu também nunca vi ele. Nunca fui na casa dele. Só sei que quando eu ligava falava: Oi, fulano esta aí? E ele: Não falava, ou falava meio assim. E então acabou. E aí, depois, eu comecei a namorar pessoas negras, ate mesmo por conta disso. Porque você ver uma pessoa que.. e a gente acabou terminando porque... Não e que ele

dizia: olha, eu não vou ficar com você, pega mal um menino que faz Ciências Sociais dizer: o meu pai é racista eu não vou namorar você, mas eu fui me desgastando, porque eu acabava querendo uma posição dele, que gostava de mim, mas nunca se dispôs a, por exemplo sair de casa... ele se dispôs a sair de casa, mas eu sabia que se ele saísse de casa ia voltar dali a pouco, porque ele não trabalhava, não tinha perspectivas de trabalhar, tinha uma vida de menino de classe média que só estudava. E eu pensei: ah, vai largar e depois vai voltar tudo a mesma coisa. E eu então falei que ele tinha que pensar bem. E ele pensou e resolveu ficar em casa. E aí pronto, acabou, e depois eu comecei a namorar meninos negros”

“Depois só vim namorar aqui na Universidade. Ela é branca e já tive muitos problemas com ela, nesse sentido da questão racial. Com ela não, tenho problemas com as pessoas. O pessoal da universidade, do movimento negro. Estava conversando com um amigo meu e de nada chegou uma menina e perguntou se eu tinha namorada. Eu já conhecia o antecedente dela... E eu falei que tinha namorada. E ela fez o comentário: ah, ela é branca, né? E eu falei: é ela branca, tem algum problema? Eu fui mais agressivo, coisa que eu não faria hoje de jeito nenhum. Mas, várias vezes. Tinha uma menina que morava comigo antes de eu entrar no CRUSP que ela era negra, muito militante e eu mal falava com ela, mal cumprimentava”.

“Eu nunca beijei uma moça negra, nunca.”

“Todas brancas, eu já fiquei com meninas negras, mas namorar só brancas.”

Dos dez entrevistados, atualmente cinco deles estão namorando pessoas brancas, três deles não quiseram dar informações a respeito e dois deles afirmaram terem se relacionado com brancos e negros, sendo que um deles “ficou” com pessoas “negras”, mas namorou apenas pessoas brancas e a outra passou a namorar somente homens negros por ter sofrido preconceito no último relacionamento que teve com um branco, como pudemos ver na fala acima.

A maioria dos alunos afirmou não haver discriminação racial direta na faculdade de filosofia, mas afirmaram que a própria estrutura da universidade é racista, tanto pela forma de entrada, quanto pelas oportunidades oferecidas aqui dentro. Além disso, a falta de professores

negros e a falta de negros ocupando altos cargos dentro da USP e mais um motivo para afirmar que há, na Universidade de São Paulo, preconceito racial.

“A grande maioria é eliminada por pertencer estatisticamente, visivelmente, intuitivamente, a posições mais abastadas da sociedade. Então, é um círculo vicioso. Se você tem pessoas em posições sociais e econômicas desprivilegiadas, essas pessoas, a gente sabe que a educação formal que elas têm é muito pequena, as condições de conseguir faculdades são pequenas, de arrumar emprego são pequenas, e, com isso, a chance de educar seus filhos também são pequenas e as coisas vão se repetindo, é um círculo vicioso interminável. Então a questão do racismo na universidade, eu vejo por isso, falar em racismo na universidade pode ser meio impreciso, mas que de fato ela acentua a desigualdade não há nenhuma dúvida, ela não vai em sentido oposto de diminuir a desigualdade. Tem esse aspecto do preconceito racial, pois a USP é a universidade pública que menos tem negros no Brasil inteiro e não se faz nenhum movimento contra isso. Ao contrário, aqui só se acentua a desigualdade. Se chama-se isso de racismo, obviamente a universidade é racista.”

“Eu acho o seguinte: basicamente, no que tange aos estudantes, e estrutural, porque você não vê pessoas negras nessas cadeiras e bancos escolares, né? São muito poucos e concentrados nos cursos de humanidades, nos cursos de baixa concorrência. Então, pelo menos eu nunca ouvi ninguém chamando, ah, essa negra. Muito pelo contrário, uma vez fui chamada de moreninha, e eu tenho a pele escura. Mas isso eu não consideraria um racismo, uma pessoa discriminando a outra. Na verdade, e o jeito brasileiro, de definição. Mas, com relação aos funcionários, acho que também seja estrutural”

“A partir do momento que você vê que só há um professor negro, que é o Kabengele; que todos os chefes de departamento são brancos; que quem dá aula de História da África é uma branca; que quem faz seminários sobre os negros são brancos; eu acho que pode-se afirmar que há racismo sim”

“E, discriminação... assim, tá lá, ta antes, principalmente a maior, ta antes, ta na FUVEST, porque não da para negar que a maioria do público negro e barrado nessa seleção”.

Afirmaram ainda que o racismo se dá de forma muito sutil e é percebida na linguagem, como por exemplo, as seguintes frases: ah, mesmo sendo negro..., ou, ele até é arrumado. Ouvi também, em três entrevistas, os alunos falando de uma postura comportamental dentro da FFLCH que se configura como “politicamente correto”, no qual uma atitude racista, dentro da faculdade, seria asperamente criticada e “pegaria mal”.

“Então, eu acho que pro público da Ciências Sociais, que e o público ao qual eu estou mais exposta, não e bonito, não e politicamente correto discriminar os negros. As pessoas que tem algum tipo de preconceito são muito discretas, porque eu não consegui me ver numa situação de... Quando eu falo, parece ate que eu vivo num mundinho cor-de-rosa. Mas, eu acho que não e bem isso. O que me incomoda muito e essa barreira da entrada de uma classe de pessoas que ganham menos, que moram em lugares desprivilegiados, independente de ser negro ou não”.

“Por ser um curso de Ciências Sociais as pessoas mascaram o preconceito mais do que em outros ambientes. São pessoas que tem o olhar social, mas não tem vivência. O curso é elitizado e as camadas mais pobres, que na sua maioria são negros, são excluídas”.

“Na sociedade, de um modo geral, essa característica do racismo brasileiro, do preconceito de ter preconceito, na universidade, há o caso do politicamente correto... Curiosamente, o que os alunos falavam não se modifica muito do que eu ouço até mesmo na universidade, com a diferença de que o politicamente correto da universidade é menos sincero. Essa é a grande questão, é de tal forma sutil e sofisticado, que não há percepção grosseira que veja. Só depois de adquirir maturidade a respeito da questão é que você começa a perceber através dessas contradições nas falas, como: mesmo sendo..., ele é legal mesmo sendo isso, mesmo sendo aquilo, aquelas coisas que a gente ouve desde pequeno e depois começa a perceber”

“Eu acho que não, acho que não. Ainda mais na FFLCH, que acaba sendo uma coisa dogmática que a tolerância na FFLCH tem que ser levada ao extremo, se não... tem esse estigma de que os alunos da FFLCH tem que ser os defensores do politicamente correto, ou algo do tipo assim. Você percebe que em certos aspectos isso realmente é verdade, que as pessoas fazem aquilo do fundo do coração, e que em outros aspectos eles fazem isso hipocritamente, que é mais para se adequar”.

Dessa forma, muitos afirmaram ainda que o negro, dentro da FFLCH é até mesmo enaltecido, sob a forma de exotismo. Nota-se isso ao ver que, entre os alunos entrevistados, a paquera, no colégio, era algo muito mais difícil e doído, e na universidade não, como vimos anteriormente. Muitos deles arrumaram namorados e namoradas pela primeira vez somente depois de entrar na universidade. Por outro lado, a maioria deles afirmou que há aqui um padrão comportamental, do modo de se vestir, do modo de se relacionar e até mesmo do modo de pensar. O que fica aparente é que, de certa forma, confirma o modo de pensar da sociedade brasileira, é que dentro da universidade, e principalmente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o preconceito de ter preconceito impera.

“Justamente, do modo de se vestir, do modo de agir e, digamos assim, que pode ser essa coisa do exotismo, o fetiche de ser diferente. Mas, até agora, nada assim. Mas essa coisa do exótico aqui é bem forte. Às vezes tem coisas que as pessoas acham que são originais, mas na verdade são os mesmos costumes... é meio modismo, porque são pessoas que fazem parte de um grupo que vive de certa forma de modismos, e é comum”.

“Mas às vezes eu fico me perguntando quando estou com uma menina que você acha bem bonita, se ela está ficando comigo porque ela me acha bonito e legal ou porque ela me acha exótico. Porque tem esse jargão, de exótico. Eu acho que isso passa na cabeça de todo negro e é meio complicado”.

“Eu acho que aqui não há preconceito mais visível, mas acho que é do local mesmo. Acho que tem mesmo aquela coisa do preconceito de ter preconceito.”

No que diz respeito à escolha do curso Ciências Sociais, sete dos alunos afirmaram que havia antes de prestar o exame vestibular uma inquietação social e um desejo de “mudar o mundo”. Assim, o curso seria também uma forma de se empenhar em extinguir as

desigualdades sociais e os problemas com os quais tiveram contato em suas trajetórias de vida, que se refletem basicamente, em problemas raciais e socioeconômicos. Mas afirmam também haver uma certa dificuldade, pois muitas pessoas com as quais conviviam não sabiam o que é um curso de Ciências Sociais, como seus colegas da vizinhança e também seus familiares.

“E eu achava que a Sociais iria abrir caminhos, iria abrir meu pensamento, me daria resposta para as coisas. Foi mais nesse sentido, de ver uma coisa mais abrangente, uma coisa que me fosse útil para me relacionar com as outras pessoas. Acho que foi mais nesse sentido, que eu me frustrei depois, para falar a verdade. Porque eu não consigo falar sobre a Sociais com a minha mãe, é muito complicado. Mas, inicialmente era esse objetivo, era oposição ao que eu estava fazendo. Você olha o mundo e acha que ele não está bom, e que ele pode ser melhor, e que existem fórmulas para isso. E é uma coisa meio abrangente assim mesmo, de ver se há como melhorar essas coisas, melhorar o mundo, a vida das pessoas, tipo, acabar com os conflitos. E não sei, aqui você entra e sai com mais dúvidas ainda, entendeu, parece que você vai conhecendo mais coisas. Mas, infelizmente, é super restringido. O pessoal fala: onde você estuda? Ah, na USP. Jura, que legal, o que você faz? Ciências Sociais. Ah. O que é isso, serviço social? Mas sempre tem aquele ‘ah’ que termina a conversa.”

“Sim, eu já tinha essa inquietação anteriormente. E alguns fatos influenciaram mais, por exemplo o rumo que uns amigos meus tomaram lá da rua, alguns já na minha idade começaram a roubar ônibus para comprar roupa mais cara. Aí eu ficava me perguntando o porquê disso, o porquê das outras coisas injustas que estavam acontecendo não só no Brasil como no Mundo. Eu queria entender isso melhor e achei que Ciências Sociais seria o caminho mais preciso.”

“Além disso, havia a coisa da inquietação social, sendo o curso de ciências sociais um local privilegiado para trabalhá-la”.

Alem disso, outro motivo apresentado foi o de que a Faculdade de Ciências Sociais, por ter menos candidatos por vaga, e mais fácil de entrar. Isso nos remete também a questão

das Faculdades de maior e de menor prestígio. Oito dos dez entrevistados afirmaram ter prestado vestibular também para outras carreiras, dentre elas: Rádio e TV, Jornalismo, Economia, Direito, História (dois deles), psicologia e enfermagem. Esses são cursos que os pais dos alunos preferem que seus filhos estudem, pelo fato de haver maior espaço no mercado de trabalho. Os alunos apontam ainda que nesses cursos mais prestigiosos, como Medicina, Direito e Economia, o preconceito deva ser ainda maior.

“Ah, eles não gostaram, né? E bem aquela coisa de pai. Os pais querem que o filho seja bem sucedido, que tenha dinheiro pra viajar para a Europa e mandar cartão postal! Primeiro esse negócio do meu pai, porque o meu pai sempre me imaginou fazendo engenharia, ou Poli ou ITA, essa coisa. E minha mãe, sei lá, se assustou com a história de eu fazer Sociais, tentou me convencer a fazer Direito, algo assim, entendeu. Já cheguei a ouvir coisas assim, não deles, mas de parentes, que eu tinha capacidade de fazer algo melhor. Sei lá, eles não gostavam por causa dessa idéia, sei lá, porque Sociais não é alguma coisa técnica profissionalizante do tipo: ah, vou fazer direito para ser advogado, vou fazer medicina para ser médico. Você faz Sociais e está em aberto, né? Foi mais por causa disso. Mas, não sei, acho que eles se acostumaram com a idéia. Minha mãe me pergunta no que eu quero me especializar.”

“No Brasil em geral, já há uma grande dificuldade, agora em cursos como medicina, veterinária, e mais comum você ouvir algumas coisas assim. Não no sentido deliberado de agredir alguém, mas no sentido de incorporar uma linguagem racista.”

“Sem dúvida, com certeza. Começar pela medicina, que é a bãbãbã. E aqui no Campus tem a Engenharia. Ah, é aquele grupinho de sempre: engenharia, direito, medicina, economia, são todas as áreas que te levam a um *status* maior. E a FFLCH é aquela faculdade assim: mais fácil de entrar, o pessoal é isso, é aquilo. O que não é bem assim. Pelo próprio curso mesmo. O nosso curso de Ciências Sociais deveria ser dado para todo mundo, porque são conhecimentos que deveriam ser socializados não para duzentas e dez pessoas a cada ano, mas para todas as pessoas, porque é super importante para a formação do seu senso crítico”.

“Então, à primeira vista não. Porque minha mãe queria que eu fosse médico. Aliás, meu nome é Túlio Augusto porque no hospital ela tinha um nome de um médico lá. Então, o sonho dela era eu ser médico. Meu pai ficou meio assim, porque antes de fazer Ciências Sociais, eu ia ser Engenheiro Mecatrônico”.

Podemos ver na Tabela a seguir, que mostra o numero de negros aprovados no vestibular de 2001 para as carreiras discriminadas pelos alunos como mais prestigiosas, como esses cursos abrigam um número muito menor de negros do que o curso de Ciências Sociais. Esse e o motivo pelo qual os alunos afirmam que há, nesses cursos, maior preconceito, além do que vimos anteriormente da postura “politicamente correta” dos alunos do curso de Ciências Sociais.

Tabela 16 - Autoclassificação de cor por carreira dos aprovados no vestibular de 2001

	Entre as alternativas abaixo, qual e a sua cor?					Total	
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	%	N
Ciências Sociais	82,9	1,5	6,8	8,3	0,5	100,0	205
Direito	86,7	0,7	3,3	9,2	0,2	100,0	457
Economia	82,5	0,9	5,5	10,1	0,9	100,0	217
Medicina	77,3	0,2	2,7	19,5	0,2	100,0	481
Engenharia	77,3	0,7	3,7	18,1	0,3	100,0	1035

Fonte: Limongi, F; Piquet, L; Silva, P. H. E Mancuso, W., 2002.

“Pôxa, com certeza (tem mais preconceito). Na medicina não entrou nem um negro, né? Na São Francisco também deve ter dois, estourando. E lá deve ser um negócio complicado, porque não vão tratar dessa questão, principalmente na medicina. No Direito podem até levantar a bola, mas nunca vão aprofundar. Se aqui na Sociais que é um espaço onde hipoteticamente nós teríamos que aprofundar isso já está demorando muito para ser aprofundado. Se não fosse o Dez x Dez teria ficado em branco esse ano. Eu acho que nessas faculdades, então, o problema é ainda maior, e se criassem cotas nessas faculdades, acho que a reação do pessoal não atingido pelas cotas seria bem violenta, teria bastante repercussão. “

Explorando agora a realidade universitária, dos dez alunos, oito deles são a favor de quotas para negros na universidade, um não e a favor e um deles não tem ainda opinião formada a respeito da política pública. Para eles, as quotas servirão como solução imediata de um problema que não se resolve apenas assim.

“Eu não sou a favor de cotas para negros. Na verdade eu acho assim, não é o que vai resolver essa barreira. Por um lado é uma definição altamente subjetiva: bom, quem é negro? O que é ser negro? Porque se essa é uma posição política ideológica, se é uma identificação, qualquer pessoa, ou melhor, muita gente pode ser. E aí, se não se define isso biologicamente, isso é muito subjetivo. Então, quem é que vai ter direito a cota?”

“É necessário já. Todos os tipos de ação afirmativa, inclusive as quotas”.

“Então, tem que partir de algum lugar as mudanças, né? Falar vamos esperar as mudanças estruturais, que vão demorar 30 anos, eu acho bem complicado. Porque se a gente fosse pensar em mudanças contínuas, a gente pensaria: vamos integrar os negros desde cedo, vamos fazê-los participar. E é aí que está a educação. Isso para uma ‘revolução’ é a parte mais importante, é a questão dos sem terra, por exemplo, construir uma universidade. Pra quê? É ali que está a raiz de tudo. Você criar conhecimento e brigar com essa classe burguesa com as mesmas armas que eles tem, entendeu? Então, nesse sentido seria muito bacana falar de forma ideal que tem que melhorar o ensino, enfim. Mas, a gente sabe que demora muito. Por causa disso eu vejo as ações afirmativas de um ponto de vista positivo, porque ela tem que iniciar de algum lado. E se a gente percebe que há sim um preconceito com relação à raça, à cor, tem que partir de alguma forma a mudança”.

Muitos acham que o Brasil precisa de mais intelectuais negros que sirvam como exemplo e estímulo para os alunos afro-descendentes em geral. Por outro lado, têm medo da discriminação e segregação que as quotas podem causar, mas alegam que o preconceito existe, aberto ou não, e, portanto, se houver discriminação racial como consequência da implantação de quotas, nada vai mudar muito. O lema é: “se o preconceito existe, que então ele sirva para alguma coisa”. Porém, muitos têm medo também do aproveitamento que alguns podem ter dentro dessa política, no sentido de que muitos negros não precisam de quotas para

entrar na faculdade e muitos brancos irão se classificar como negros para ter a sua entrada facilitada. Para eles devem haver regras bem desenvolvidas para que isso não aconteça. Acham ainda necessário haver um acompanhamento e disposição de alguns elementos necessários para que esses negros que entrem na faculdade através de quotas possam nela se manter, como: moradia, alimentação, disposição de material e condições propícias aos estudos.

“Agora, há uma política de cotas para que haja negros na universidade, para que se forme, entre outros objetivos da política de cotas de inclusão, também, acaba dando o resultado de que acabe se formando uma classe mais intelectualizada de negros, que acaba sendo uma classe média ou rica, sei lá, de negros, uma classe com mais dinheiro, que de certa forma vai... Sei lá, e uma política de cotas de inclusão na universidade que, de repente, pode transformar a estrutura social do país. Eu acho que isso não é a chave dos problemas, não acho que isso vai acontecer.”

“Mas o que eu acho também que colocar as pessoas desse jeito aqui dentro vai criar um outro tipo de preconceito interno, que é esse tipo de preconceito, é o próprio não se elevar dentro do curso, porque você entra com problemas, com deficiências, e aí eu não falo só de pessoas negras, qualquer um que entra na sorte aqui dentro acaba acontecendo isso. E pode criar aquele tipo de coisa: ah, aquelas pessoas ali entraram através das cotas, não se pode esperar muito delas. Mas eu, apesar disso sou a favor, porque, vamos por partes, vamos colocar essas pessoas aqui dentro e diante dos problemas que surgirem, a gente vai criar uma outra solução e ir caminhando para uma evolução nesse aspecto. Se é para criar, não sei se você se lembra da revolução dos bichos. Tem lá os carinhas que mandam, mas depois os caras caem e entram os outros que mandam e estão fazendo a mesma coisa. Assim, se for, mesmo que seja para isso, mesmo se for para os negros integrarem a elite do Brasil, que a gente não quer, que a gente não gosta, que a gente quer acabar. Mas mesmo se for para isso, vamos integrá-los. É muito bacana isso, e eu sou a favor sim. Esses contras que podem existir, a gente ainda não sabe, a gente prevê, nós vamos atacá-los quando eles surgirem. Eu acho que não podemos ficar nessa

estagnação e caminhar para que haja uma democracia racial, que a gente sabe que não existe”.

“E, eu acho que tem contras sim, principalmente... que o pessoal coloca muito, são pelo menos dois: para identificar as pessoas negras, que seria um problema operacional, de saber quem e quem não é negro. Então, assim, tem, acho que em Brasília, o pessoal tá até tirando fotografia para ver. Acho que isso é até uma possibilidade. Acho que tem alguns problemas operacionais que vão acontecer, uma margem de erros de ou você deixar pessoas negras de fora, ou de colocar brancos em situações que você não sabe, a pessoa vai lá e assina, fala que é negro, fala que é mestiço e entra. Esses problemas devem ser minimizados ao máximo, mas acho que eles vão aparecer, isso não quer dizer que a política é inviável, né? Acho que todas as políticas no limite tem suas margens de erro, seus problemas. O fato é que esses problemas não podem ser maiores do que a política em si, senão acontece o inverso. E tem um problema também que é próprio da auto-estima das pessoas. Eu ouço as pessoas dizerem, se o menino entrar por cota: ah, aquele lá entrou por cota. Então, eu não sei até que ponto isso é um problema em si. Acho que as pessoas são indivíduos capazes de superar, superaram a vida inteira o racismo, de serem chamados de macacos ou qualquer coisa e não vão superar isso? Acho que eles são competentes o suficiente pra...se lá, vão sofrer, obviamente, então, isso é uma coisa negativa, vão sofrer, mas já sofrem na realidade. Então, eu acho que alguém vai ter que sofrer aí um período para que as coisas sejam superadas. Então, se é essa geração agora que tem que sofrer, ou é a geração seguinte, vamos sofrer, as coisas não passam sem problemas, sem sofrimentos individuais e coletivos”.

Como pudemos ver, os alunos apontaram algumas críticas à aplicação de ações afirmativas, como a reserva de quotas. Por outro lado, ao perguntar sobre a relação entre o papel social da Universidade de São Paulo, por ser um centro de excelência no que diz respeito ao conhecimento, e a sociedade brasileira, foi unânime entre os alunos a crítica de que a USP não o cumpre, confirmando, mais uma vez, a ideia de uma universidade elitizada, voltada para seus próprios interesses.

“Eu tenho uma crítica à Sociais como um todo. Eu acho que a Faculdade aqui é muito estagnada, eu acho que ela é muito tradicional e muito conservadora, entendeu? Eu não acho que ela está aí para unir sociedade e universidade, apesar de ver que é um espaço perfeito, porque o conhecimento está na raiz, na nata, está genuinamente ali, e você vê que não há... eu chego a pensar que há um academicismo, sabe, das pessoas quererem entrar lá para se tornarem acadêmicas e criar cadeira, uma noção que eu critico bastante, porque, o que a gente pega ali e pra colocar pra fora. Então, nesse sentido, a partir dessa crítica mais geral, que eu acho que ela não está aí para mudar muita coisa, então, nessa questão ela também não está fazendo nada, que há uma propensão para.”

“Bom, eu acho que tem várias instâncias para se pensar isso. A USP, enquanto instituição, ela não tem nenhum interesse de implementar nenhuma medida de acesso de negros à universidade, no caso o vestibular, né? Eu acho que durante muito tempo nos vamos ter isso. Acho que dificilmente teremos cotas na USP. Eu acho que hoje, as universidades geral, e a USP em particular, tem uma dificuldade de legitimidade perante a sociedade, já que a maioria da população que a gente conhece que vem de escolas públicas, não está nas universidades públicas. Então eu acho, e vejo o discurso das pessoas em fóruns, em seminários de educação, em outros espaços, as pessoas falam: então como é que você tem uma universidade que sustenta uma classe média? Eu acho difícil isso se sustentar por muito tempo, ou você tendo a uma universidade procurando se privatizar, né? Se o aluno puder pagar, ele paga, não dá para o Estado manter por muito tempo uma universidade que sustenta, que não está distribuindo a renda, que não é democrática, ela não inclui as pessoas que saem da escola pública, por exemplo. Não estou dizendo que não tem vagas para as pessoas que saem das escolas públicas, estou dizendo que na competição do vestibular, pessoas que, sei lá, não tem uma média de 70% da prova não podem entrar numa faculdade como a da medicina, como o direito, que são cursos de elite. Não entram. Então, basicamente a USP está sustentando essa situação, pelo menos diante da sociedade. Mas, por exemplo, no campo do movimento estudantil. O movimento estudantil não defende ações afirmativas na USP, segundo eles não tem discussões acumuladas, nós já apresentamos até mesmo teses em votações, em congressos, e sempre perdemos, lógico, não tem

debates, não tem consciência... segundo eles, eles não têm conhecimento sobre, e no campo dos professores.. não sei no geral, mas das experiências que nos temos com os professores, especificamente na área de sociologia, alguns professores negros se preocupam em trabalhar com alunos negros, por já saber. São professores que basicamente trabalham com relações raciais, ou escrevem sobre e tal. Então, tem vários âmbitos mesmo. No campo institucional, eu acho difícil a proposta de ações afirmativas aqui.”

O que percebemos, quando estamos tratando do tema “o negro no ensino superior”, e que ha, em todos os âmbitos da questão, muitos elementos fundamentais a serem levados em conta. Falar que não há preconceito no Brasil e cometer um erro ou sofrer de miopia frente a uma realidade que tantas vezes já se provou não somente através dos dados estatísticos, mas através da percepção vulgar de qualquer pessoa que vá a um bairro de periferia e veja que há lá uma maioria de negros, ou numa universidade pública, tal como a USP, e veja lá que existe uma minoria negra. O que vemos, portanto, e que, através de anos e anos com um lugar já predeterminado, o da periferia, da empregada doméstica, do jogador de futebol, o negro, ao ultrapassar todas as barreiras do ciclo de desvantagens as quais encontra na vida, tais como um ensino de má qualidade, ou trabalho precoce forçado, e chegar na universidade, encontra lá um ambiente completamente diferente daquele ao qual estava acostumado. Por isso mesmo, quando crianças e em seu núcleo familiar, como vimos anteriormente, o preconceito muitas vezes nem é percebido. Isso acontece por que tais *locus*, são ambiente mais homogêneos, onde a diferença ainda não se apresentou de forma marcante, de modo que não seja tão perceptível.

“O aluno passou grande parte da infância na região do Ipiranga, local no qual morava grande parte de sua família. No que diz respeito a sua sociabilidade, o aluno não afirmou ter grandes problemas, visto que se relacionava bem com os vizinhos, dos quais, parte eram familiares, o que para ele foi muito importante. A vizinhança, portanto, era “quase que uma extensão da família”, por esta ser muito grande e por morarem perto. Em São Paulo, Vanderson acha que não sofreu muito preconceito e debruça-se sobre a família, como base de sociabilidade, que era muito forte e “fazia muito samba”. Para ele, a divisão entre negros e brancos não era muito presente, mas a referência do mais malandro, da mulher mais bonita, eram todos negros. Para ele havia um

contexto no qual o negro prevalecia, um ambiente no qual “ser negro” prevalecia, tanto é que os amigos que chegavam eram: “o alemão”, “o china”, “japonês”.

“Em Mogi, no bairro que eu moro, é um bairro meio de periferia, um pouco mais afastado. Por ser um bairro de uma classe média mais baixa, tinha um número elevado de negros, e dentro do bairro mesmo, não tinha muito essa coisa de preconceito, até mesmo pelo fato de ter bastante negros.”

A hipótese levantada no começo da pesquisa, na qual aponta-se para o fato de que há um melhor desempenho dos alunos nas escolas públicas do interior, se explique não somente pela qualidade do ensino lá fornecido, mas também pelo fato de que por serem cidades do interior, com menor número de habitantes, os quais se conhecem melhor, sejam mais homogêneas, diminuindo assim a constância dos atos de discriminação.

“Não, acho que não. Eu estudei, quando voltei pra Jacareí, fiz o pré, fiz uma escola particular, que era de uma amiga da minha mãe, e todo mundo se conhecia. E era um pessoal bem legal mesmo. Muitos eu já conhecia, porque a cidade era pequena, não tinha discriminação aberta não.”

Por outro lado, em cidades maiores, tais como São Paulo, a escola é o primeiro local onde o preconceito se apresenta de forma mais marcante e o fato de ser negro aparece então como algo negativo.

“Para ele, a escola foi um local muito complicado, porque foi o lugar onde ele sentiu pela primeira vez o preconceito racial e onde ele viu que a questão de ser negro aparece como negativa”.

“você sente que você é diferente, que chama atenção no espaço em que você circula, principalmente no colégio técnico que eu fiz, no qual a grande maioria dos alunos é branca. Além do que, grande parte deles tem uma renda familiar muito maior. Agora, eu acho que todo mundo tem, posso citar algumas, mas não sei, por exemplo... mas era uma coisa de grupo e também era uma coisa muito constrangedora quando tinha aula de História para discutir escravidão... os alunos olham para você como se você fosse o exemplo concreto da coisa”.

Assim, esses alunos, ao chegarem na universidade, que agrupa tipos ainda mais diferentes da realidade que conheceram tanto no ambiente familiar como na escola, quase sempre no bairro ou perto da vizinhança, a diversidade que encontram e ainda maior. Com hábitos diferentes, gostos diferentes, estruturas e visões de mundo diferentes, esse encontro entre brancos e negros em um local no qual os brancos prevalecem, causam muitas vezes um choque sócio-cultural que os dificulta enormemente a integração. Quanto maior a diversidade, maior o choque, e talvez esse seja mais um motivo que explique o fato de que o preconceito seja mais perceptível quando os alunos ingressam na universidade. Outro fato que também está diretamente ligado a isso é o fato de que os alunos, tanto nas escolas quanto na universidade, em maior intensidade, fizeram amizades mais facilmente em um ambiente exterior. Duas das entrevistadas, durante o colégio, procuraram outros centros de sociabilização por encontrarem lá maiores afinidades com os frequentadores.

“Porque minha vida era muito escola, igreja e casa. E na igreja também a relação era muito tranqüila no que diz respeito às relações raciais. Lá há muitas divisões pastorais e lá há um tipo de doutrina que eles passam de não ter preconceito. Então lá, era muito tranqüilo mesmo”.

“Gabriela afirmou ainda ter maior aceitação na Igreja Católica que freqüentava, local no qual havia mais negros. Esse era o círculo de amizades que tinha, onde havia maior sociabilidade, maior, inclusive, que na escola. Ela apontou para o fato de que os negros são mais pobres e na Igreja havia uma aceitação melhor disso do que na escola, pois lá as relações eram melhores”.

Dos dez entrevistados, cinco dos alunos possuem auxílio moradia e residem no CRUSP, dentro da Universidade. Todos eles afirmaram que tiveram maior facilidade de fazer novas relações de amizade com alunos dentro do CRUSP, local também de onde surgiu a iniciativa dos alunos estudarem o tema racial. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de que no CRUSP encontraram maiores afinidades com os alunos que lá encontraram, pois lá dividem realidades sociais e culturais mais similares, encontrando uma maior representação deles mesmos, sendo a aceitação maior e a integração mais fácil. Assim, lá estão propensos a travar amizades mais significativas.

“Então, eu fiz amizade com esses dois, que são na verdade os únicos amigos que eu tenho até hoje. A minha amizade foi mesmo depois que eu entrei no

CRUSP. Não na Faculdade. Na faculdade eu tenho colegas aqui, outros ali, eu sou um pouco fechada, então eu tive dificuldade de fazer amizades. E também, era um ambiente diferente, as pessoas eram diferentes, e tal. Eu não tive muita facilidade não.”

“A inserção dela na universidade ocorreu mesmo no CRUSP, com os amigos de lá, com os quais teve uma sociabilidade maior. Inclusive, lá arrumou um namorado”.

O modo de agir e de pensar o preconceito desses alunos depende muita de sua família, como vimos anteriormente. Isso porque o ambiente familiar em que cresceram, assim como a vizinhança, institue valores que são elementos que informam a construção da identidade de tais crianças, através de um capital cultural pre-adquirido. Assim, podemos falar que não são somente as características biológicas que determinam a identidade racial de um indivíduo, mas sim valores e visões de mundo provindos de suas experiências de vida. A partir de então, e antes de mais nada, a identidade racial se configura como uma construção política através da identificação com um grupo e a defesa de seus valores, e esta quase sempre está ligada a alguma forma de luta para a conquista de um espaço, como podemos ver nas falas a seguir.

“E cada vez mais eu vejo que a coisa da identidade negra ela tem que ser muito relativizada, porque a identidade, a cultura e a informação.... a identidade é a informação da cultura. Por outro lado, eu acho que não há uma cultura negra uma cultura branca. Eu acho que a cultura negra é criada pra você brigar na política, ela tem um valor político importante. Você pensa e você se elege como pertencente a uma cultura negra. Eu acho que todas as culturas são usadas num discurso político. Na verdade, a cultura é algo muito afetada, estão sempre se comunicando uma com a outra, então, se há uma identidade, ela está sendo informada por essas culturas. E aí o que você vai ter? Você vai ter uma experiência diferenciada, porque ser trabalhador em São Paulo, ou ter uma experiência em São Paulo é muito diferente de ser trabalhador, ou ter uma experiência na Bahia. A identidade é assim, algo que o grupo leva de diferencial”.

“Segundo ele não era só uma questão de raça, “era a negrada, era identidade mesmo”, mas havia problemas pelo choque de perceber que eles “estavam na

favela, a negrada nunca tinha dinheiro, quem tinha dinheiro era o português, o alemão, o japonês, e a negrada sempre lá. Ao mesmo tempo, porém, não havia uma certa harmoniosidade, pois quem chegava de fora era “o branco”, era como que inverter a situação.”

“A aluna põe a questão da identidade como necessária para a população negra em geral, dentre a qual uma pequena parcela intelectualizada tem acesso à informação e consegue trabalhar com a identidade negra. Esse processo não chegou ainda nas camadas mais pobres, que se sentem diferentes, mas não têm consciência do problema. “A identidade é essencial para que o negro possa se colocar e trabalhar questões como a auto-estima, para se firmar como pessoa, pois o racismo é muito perverso e te tira até a auto-confiança”.

“Identidade é se identificar com um grupo, por exemplo, negro, e você se interessar por tudo que diz respeito a esse grupo, como expressões culturais, a forma de se vestir até. Uma questão de atitudes... defender os interesses quando se faz uma piadinha..., eu acho que é isso, a identidade presume a identificação com algo, com o grupo e a defesa dessa relação”.

Isso fica ainda mais visível quando olhamos para os alunos pardos. Duas alunas exemplificaram isso muito bem. Uma delas se classifica como branca e a outra como negra. Essa categoria deve ser tratada de uma forma especial, pois reflete justamente o fato da identidade racial ser uma construção sócio-política e depender muito da maneira como a questão racial é tratada no ambiente familiar. Sendo assim, poderíamos até mesmo falar de uma identidade situacional, pois quando se faz interessante, um mulato se classifica como branco, quando não, se classifica como negro. Dessa forma, perguntei para a aluna que se classifica como branca, se ela achava que era, de certa forma, uma vantagem.

“Pode ser que sim em alguns espaços. Principalmente esses espaços profissionais, talvez a sua cor.... a gente não pode negar que há um preconceito com relação à cor. É como eu falei, na entrevista lá do Banco, se o cara se coloca como negro, eu não sei, será que ele não é cortado por ali. Porque eu não tenho amigos negros no trabalho. Eu acho que nos locais mais formais assim, centros financeiros, essas coisas, sim. Eu não nego o preconceito racial, porque eu vejo as pessoas. Foi o que eu falei, eu nunca vi

professores aqui dentro ser preconceituoso com um aluno, mas na rua, que você está no meio das relações, que você as pessoas se relacionarem sem nada entre elas, é muito comum você ver falas que soam como preconceituosas”.

“Eu acho que e ate uma coisa que às vezes eu brinco, que eu acho que e uma posição política-ideológica, porque eu decidi me identificar mais com a família do meu pai do que com a família da minha mãe. Quer dizer, e uma escolha, né? Porque eu tenho que me identificar mais com a família do meu pai, que e toda de negros, do que com a família da minha mãe, que são loiros de olhos azuis. Foi uma posição mesmo de vestir, de levantar a bandeira, porque, assim, eu acho que pode ser uma escolha mais difícil, mas eu acho que esses tipo de dificuldade não me assusta se eu tiver que me identificar como negra... Foi mais ou menos isso, essa postura de se defender e não ligar muito para essas coisas, que me influenciou.”.

“As pessoas só se dizem negros em duas situações: ou em casos inevitáveis como o meu, no qual não dá para esconder a cor, ou quando está inserido dentro de um contexto político, como uma posição política” Mas acho que isso acontece, dos negros negarem serem negros, por ser uma questão política e ser negro no Brasil é uma desvantagem, não dá para se sentir integrado. Acho que sou de acordo com uma auto-classificação, que obviamente já está filtrada e dividida em 3”.

“É diferente você ser visto socialmente como negro e ser visto socialmente como branco. Você ser visto socialmente como branco te dá direito a alguns privilégios que os negros não vão ter. Agora, tem alguns que fazem jogadas, os mais claros: às vezes se passam por negros, às vezes se passam por brancos. Agora os mais escuros, não rola mesmo”.

Vemos assim que o tema “o negro no ensino superior” está muito vinculado a uma questão política econômica. Há ali uma disputa de um espaço no qual os brancos historicamente são predominantes. Por ser um espaço extremamente heterogêneo, e aí não estamos falando de heterogeneidade racial, mas heterogeneidade cultural, o choque entre esses alunos e muito grande e a tensão que encontramos quando debatemos o tema e constante. Essa tensão esta presente durante toda a trajetória de vida desses alunos, e se

intensifica a partir do momento em que o contato vai aumentando. O que muitas vezes acontece e que há um sentimento tão grande de pertencimento que quando os espaços públicos se cruzam, são tomados como privados, tornando evidente o quanto a questão esta carregada de emotividade e ressentimento pela parte de negros.

“Quando se fala em identidade negra, é na verdade a inversão um sinal, é tentar valorizar algo que é socialmente desvalorizado, é você tentar virar o jogo, porque é muito sistemático. Acho que aqui na USP é até pior porque, na verdade, toda hora as pessoas fazem você circular por um certo espaço. Tanto não é a sua praia, como as pessoas esperam outra coisa de você. Você sabe, na verdade, que nesse momento você está fora do seu lugar, você sabe que existe um outro espaço, que não esse na qual você tem mais autonomia. Por outro lado, em certas situações, o negro é obrigado a conter suas ações, a se manifestar de uma forma mais recalcada, você sabe que está fora do seu lugar. Assim como quando eu vou num barzinho na Vila Madalena, por exemplo, e vejo aqueles meninos de classe média tocando samba e falando para mim o que é bom. E eu digo: moleque, você aprendeu ontem a tocar cavaquinho na escola da esquina e vem querer falar para mim o que é um samba bom? Isso é que eu acho sabe?... que o cara é treinado para assumir, para chegar ali e achar que o lugar é dele”. Nota-se, nas expressões e na voz do aluno, que ele se exaltou, o que me fez perceber que para ele, realmente há uma divisão de espaços, mesmo que simbólica, e que ele ficava ofendido ao ver um branco no seu espaço, no caso, o samba. Da mesma forma, ele acredita que é assim que se dão as coisas dentro de um espaço branco ao ser invadido por um negro, como por exemplo a própria universidade, dentro da qual, por mais que na aparência não haja preconceito, ele é sentido. E continua: “não tem regras para cumprir, não tem etiquetas para seguir, o cara pode chegar assumir, é só aprender um pouco e ele chega à condição de mando”. Mais vez nota-se aqui uma invasão, ou até mesmo, uma superposição de espaços “disputados” simbolicamente por um rapaz branco e um negro”.

“Então, eu estava no meio de um bando de filhinho de papai, que nunca tinha trabalhado, não sabia o que era trabalhar, não sabia o que era dificuldade, não

sabia o que era juntar grana para fazer um role, e eu acho que isso me dava um diferencial, me dava até uma certa vantagem”.

Sabemos assim que o preconceito é muito anterior a existência de negros na universidade. Mas sabemos também que a presença deles lá suscita uma série de discussões que devem ser levadas adiante, para que esse espaço, principalmente a Faculdade de Ciências Sociais, que deveria ser tão aberto e democrático, não seja um espaço unilateral e para que saiba lidar com a diferença sem discriminá-la. Para isso é preciso que não apenas se discuta, mas atitudes concretas devem ser tomadas para que a Universidade não continue a reproduzir e intensificar a desigualdade sócio-econômica, tão vinculada a raça, existente no Brasil, para que tenhamos mais exemplos de intelectuais negros e para que diminuamos a conformação de um suposto fracasso aos quais a maioria da população negra encontra todos os dias na sociedade brasileira. Para concluir, então, utilizo-me da fala de um aluno que resume em algumas linhas o sentimento do preconceito, não aquele que segrega explicitamente, que é direto, mas aquele existente no Brasil, que se caracteriza pelo preconceito de ter preconceito, e que se esconde atrás de uma suposta democracia racial.

“O grande problema de introduzir um projeto de ação afirmativa na universidade é que grande parte das pessoas não está acostumada a lidar com essa idéia de diferença. Você tem toda uma construção de ideal de nação que você tende a apagar.... você fala da diferença, mas não a denomina. você sente que você é diferente, que chama atenção no espaço em que você circula, principalmente no colégio técnico que eu fiz, no qual a grande maioria dos alunos é branca. Mas é uma tensão que está sempre permeando o espaço, não tem jeito. Isso vai ficando mais latente quando você começa a ter uma relação mais próxima com os outros alunos, na paquera, essa coisa toda. Porque você cruza o espaço do privado, do íntimo com o espaço público, e é aí que a coisa complica, que a tensão aumenta. Olha, você acaba se acostumando com essa tensão, entende? Você circula num espaço em que a maioria das pessoas não é igual a você. Depois de um certo tempo você toma consciência da coisa, acaba apertando um botão do ferre-se e vai embora.”

Bibliografia

- Bicudo, V. L. *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas*. São Paulo: Revista Anhembi, outubro, novembro e dezembro de 1953, janeiro de 1954.
- Costa, Jurandir Freire. “Da cor ao corpo: a violência do racismo”. In *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986
- Durham, Eunice R. “Desigualdade educacional e quotas para negros nas universidades”. *Novos Estudos CEBRAP* 66, julho 2003, p.9-22.
- Durham, Eunice R. e Bori, Carolina M. (orgs.). *Seminário O Negro no Ensino Superior*. São Paulo: Série Capa Azul Seminários, nº 1, 2003.
- Fernandes, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978
- Fry, Peter. “Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil”. In *O nu e o vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002
- Guimarães, Antônio Sérgio. “Raça e Pobreza no Brasil”. In: *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.
- Hasenbalg, Carlos A.; Silva, Nelson do Valle; Lima, Márcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.
- Limongi, Fernando Torres, Haroldo e Sampaio, Helena. *Equidade e Heterogeneidade no Ensino Superior Brasileiro*. São Paulo: Documento de Trabalho NUPES, nº 1, 2000.
- Limongi, Fernando; Piquet, Leandro; Silva, Paulo Henrique da e Mancuso, Wagner Pralon. *Acesso à Universidade de São Paulo: Atributos Socioeconômicos dos excluídos e dos ingressantes no exame vestibular*. São Paulo: Documento de Trabalho NUPES, nº 3, 2002.
- Lopes, Ana Lucia. *Ampliando o olhar: um estudo sobre a construção da identidade da criança negra- mestiça frente a experiência escolar*. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.

- Maggie, Y. e Rezende, C. B., *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- Mezan, Renato “Identidade e Cultura”. In *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*; São Paulo: Brasiliense, 1995
- Mintz, Sidney W. e Price, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003.
- Munaga, Kabengele. “O Anti-racismo no Brasil”. In: *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*. São Paulo: Edusp, 1996.
- Munaga, Kabengele. “Racismo, mestiçagem versus identidade negra”. In: *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- Munanga, Kabengele. “A identidade negra no contexto da globalização”. In *Revista Ethnos Brasil*, Ano I, nº 1, março 2002.
- Nogueira, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. In *Tanto preto quanto branco: estudo das relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1985
- Queiroz, Delcéle Mascarenhas (coord.) *O negro na universidade*. Salvador: Novos Toques, nº 5, 2002.
- Schwartzman, Simon. “Cor, raça e origem no Brasil”. In *Fora de Foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil*, Novos Estudos, São Paulo: Cebrap, 55. 1999
- Silva, Petronilha B. G. e Silvério, Valter Roberto (orgs.) *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, 2003.
- Slenes, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. São Paulo, Editora Nova Fronteira, 2003.
- Tavares, Júlio *Educação através do corpo: a representação do corpo nas populações afro-americanas*. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 25. Rio de Janeiro, 1997.